

Sumário

História **4**^E

Iluminismo 3

Principais pensadores iluministas 3

Independência dos Estados Unidos 7

O pensamento de John Locke (1632-1704) 9

Após a Independência dos EUA .. 9

Guerra da Secessão 9

Revolução Francesa (1789-1799) 11

França pré-revolucionária 11

França revolucionária 12

Assembleia dos Estados Gerais 12

Assembleia Nacional Constituinte 12

Monarquia Constitucional 12

República Jacobina 12

Diretório 13

Era napoleônica (1799-1815) 14

Consulado (1799-1804) 14

Império (1804-1815) 14

Congresso de Viena 14

Independência da América Hispânica 15

Guerras de independência 16

Revolução Industrial 17

Pioneirismo industrial

da Inglaterra 18

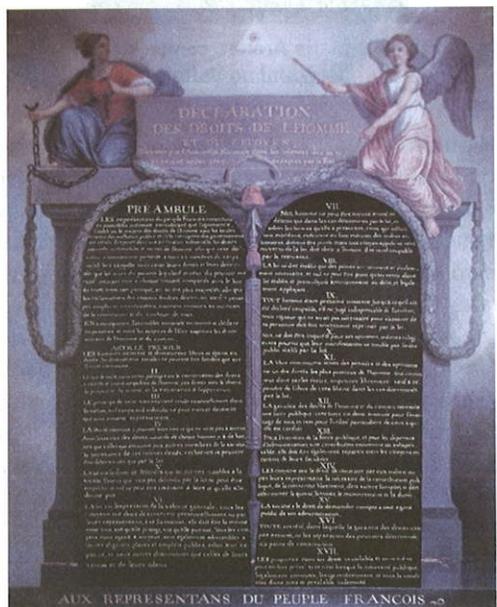
Etapas da Revolução Industrial 18

Liberalismo 19

Pensamento socialista 20

História

Iluminismo



Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, França, 1789, um dos muitos documentos políticos produzidos no século XVIII sob a inspiração do ideário iluminista

O **Iluminismo** foi um movimento intelectual do século XVIII e representou uma grande mudança de mentalidade por meio do desenvolvimento do racionalismo surgido no **Renascimento**. A **razão** seria a **luz** que afastaria a humanidade das trevas da ignorância, por esse motivo denominaram seu movimento de Iluminismo e o século XVIII de **Século das Luzes**.

Os iluministas pregavam a tese de que todos os **homens nascem iguais e livres**, e dotados de direitos inalienáveis como a vida e a propriedade. Buscavam limitar os poderes absolutistas dos reis e combatiam a interferência do Estado na economia, pregando que a liberdade comercial e industrial representaria a única forma para atingir o desenvolvimento. Tais ideias tornaram-se universais e ganharam o apoio das massas

desprivilegiadas, pois estas representavam um enorme contingente oprimido pelo poder abusivo das monarquias absolutistas.

O movimento iluminista teve papel fundamental na formação do mundo ocidental contemporâneo, exercendo influência no modelo político e econômico das atuais democracias, bem como na organização das sociedades e na defesa dos direitos humanos. Seus ideais deflagraram importantes processos revolucionários de seu tempo, como:

- a independência das Colônias Norte-Americanas que formariam os Estados Unidos;
- a derrubada da Monarquia Absolutista e dos privilégios da nobreza e do clero na Revolução Francesa;
- a luta pela libertação das colônias latino-americanas;
- os movimentos de libertação do Brasil em relação a Portugal, como a Inconfidência Mineira.

Principais pensadores iluministas



René Descartes

René Descartes (1596-1650): Filósofo, matemático e cientista francês, é considerado o precursor do movimento iluminista por ter sido o principal defensor do racionalismo. Em sua obra *Discurso do Método*, ele afirmava que para se chegar ao conhecimento deve-se usar a dúvida como método, duvidar de tudo, mesmo das coisas aparentemente verdadeiras. A partir da dúvi-

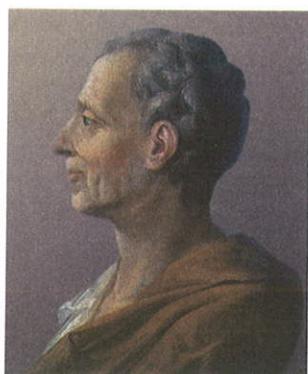
da racional, pode-se compreender o mundo, a existência humana e até mesmo Deus (quem duvida pensa e quem pensa existe).



Wikimedia

John Locke

John Locke (1632-1704): Filósofo e escritor inglês, autor do *Segundo Tratado do Governo Civil* e *Ensaio Sobre o Entendimento Humano*; defendia a vida, a liberdade e a propriedade como direitos humanos naturais. Afirmava, ainda, que os governos surgiram de um contrato entre os homens e que deveriam ser exercidos em função do interesse da maioria, caso o governo não cumprisse essa sua função, deveria ser substituído. Assim, Locke condenava o absolutismo monárquico.



Wikimedia

Charles de Montesquieu

Montesquieu (1689-1755): Filósofo francês, foi um crítico satírico dos costumes de seu tempo. Contrário à centralização do poder político, em sua obra *O Espírito das Leis*, defendeu a divisão política em **três poderes** distintos e independentes: **executivo, legislativo e judiciário**.



Wikimedia

François-Marie Arouet, conhecido pelo pseudônimo Voltaire

Voltaire (1694-1778): Historiador, poeta e dramaturgo francês, centralizou suas críticas sobre os privilégios da nobreza, a manutenção da servidão e os abusos cometidos pela Igreja Católica. Defendia a propriedade, a liberdade de expressão e os direitos individuais, é dele a frase "Não concordo com nenhuma palavra que você diz, mas defenderei até a morte o seu direito de dizê-las". Para ele, o governo deveria ser exercido por um monarca esclarecido pelas ideias iluministas. As críticas ao absolutismo não significavam a defesa de um governo popular, pois afirmavam que o povo não tinha competência para isso.



Wikimedia

Jean-Jacques Rousseau

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778): Filósofo francês, foi o mais radical e o mais popular dos iluministas. Em sua obra *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, faz uma crítica à propriedade privada, considerando-a uma das raízes da desigualdade e da infelicidade humana e, portanto, um mal a ser eliminado em benefício do "bem comum". Em outra obra, *O Contrato Social*, defende a ideia de um governo democrático. Suas ideias influenciaram os setores mais radicais durante a **Revolução Francesa**.

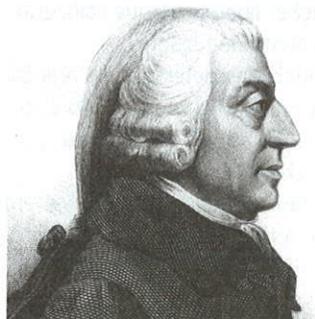
Para Rousseau, os homens não podem renunciar aos bens essenciais de sua condição natural, a liberdade e a igualdade. Para ele, o indivíduo funda a sociedade através de um contrato (acordo), e esta sociedade deve servir ao indivíduo. O povo nunca pode perder sua soberania e a sociedade deve pertencer ao povo e só ao povo, sendo os governantes apenas comissários (representantes) do povo.



Denis Diderot

Denis Diderot (1713-1784): Filósofo e hábil escritor de inspiração racionalista e materialista, propunha a imediata separação entre a Igreja e o Estado. Com a ajuda do matemático e também filósofo Jean de Rond D'Alembert (1717-1783), pretendeu reunir todo o conhecimento científico e filosófico de sua época em uma única obra que fosse o veículo das novas ideias contra as forças opressoras e reacionárias da Igreja e do Estado, chamado assim de *Enciclopedistas*. Essa obra foi proibida pelos governos absolutistas e passou a circular clandestinamente.

“O homem só será livre quando o último déspota for estrangulado com as entranhas do último padre”.



Adam Smith

Adam Smith (1723-1790): Filósofo escocês considerado o pai do liberalismo econômico, autor da famo-

sa obra *Ensaio sobre a riqueza das nações*. Em seu estudo, o trabalho ocupou o primeiro plano na conquista das riquezas. De acordo com ele, a riqueza dos países não residiria no ouro, na prata ou na agricultura, mas sim no trabalho, capaz de transformar matéria bruta em produtos com valor de mercado, cabendo aos governos, tão somente, conceder liberdade total à produção nacional, ao comércio internacional e livre câmbio.

A partir de seu pensamento, o liberalismo passou a exaltar, principalmente, a liberdade que o homem deveria ter para vender sua força de trabalho (seu tempo e seu saber), preocupando-se em defender os interesses da propriedade, e em momento nenhum em proteger e amparar o proletário que só possuía sua força de trabalho para vender. Os ideais liberais, com o tempo, converteram-se em uma ideologia disciplinar da classe trabalhadora.

“Deixai fazer, deixai passar, que o mundo anda por si mesmo.”

Despotismo esclarecido

Alguns governantes europeus do século XVIII, como Portugal, Áustria, Prússia e Rússia, assumiram algumas mudanças para tentar modernizar seus respectivos países, mesclando elementos do governo absolutista com ideias dos pensadores iluministas, sendo chamados de **déspotas esclarecidos**.

Exercícios

01. Quais influências iluministas podemos identificar no mundo atual? Elas contribuíram para a formação de uma sociedade justa? Justifique sua resposta.

02. (FUVEST-SP) Em alguns países da Europa, na segunda metade do século XVIII, surgiram monarcas que emprestaram feição nova ao velho absolutismo. Como são chamados esses monarcas? Por quê?

Testes

01. (FEI-SP) As ideias iluministas que tinham por base o culto da razão e a crença nas leis naturais:

- a) eram favoráveis a uma organização estamental da sociedade.
- b) propiciavam um embasamento teórico ao sistema monárquico, em qualquer uma de suas modalidades (constitucional, parlamentar ou absolutista).
- c) eram contrárias à libertação das colônias da América.
- d) propunham uma política econômica liberal.
- e) favoreciam os princípios mercantilistas.

02. (FCC-SP) A obra *Riqueza das nações* (1776), de Adam Smith, fundamental na evolução do pensamento econômico, defendia, entre outras, a ideia de que:

- a) o trabalho é a fonte da riqueza, baseando-se o valor na lei da oferta e da procura.
- b) a grandeza de um Estado exige a planificação e o dirigismo econômico.
- c) a riqueza deve basear-se, fundamentalmente, na exploração dos recursos da natureza.
- d) a socialização dos meios de produção e distribuição aumentam a eficiência da economia.
- e) a "mais-valia", resultado da exploração do trabalhador, deve ser suprimida.

03. (FEI-SP) Em *O Espírito das Leis* afirma-se: "É uma verdade eterna: qualquer pessoa que tenha poder tende a abusar dele. Para que não haja abuso, é preciso organizar as coisas de maneira que o poder seja contido pelo poder". Essa afirmação reflete:

- a) O espírito clássico renascentista.
- b) Os princípios da teoria do direito divino.
- c) O liberalismo político iluminista.
- d) A filosofia política de Richelieu.
- e) O pensamento de Luís XIV.

04. (UNIFENAS) É característica básica do liberalismo econômico:

- a) Defesa do individualismo.
- b) Eliminação da livre concorrência.
- c) Extinção da propriedade privada.
- d) Intervencionismo estatal.
- e) Supressão de luta de classes.

05. (UFV-MG) Durante os séculos XVII e XVIII, a Europa viveu um importante movimento de ideias que revolucionou o pensamento científico e político. Numere a segunda coluna de acordo com a primeira e assinale a alternativa correta.

- 1. John Locke
- 2. Montesquieu
- 3. Descartes
- 4. Rousseau
- 5. Voltaire

() A tendência natural do homem é abusar do poder que lhe foi confiado. Para evitar o despotismo, a autoridade do governo deve ser desmembrada em três poderes – legislativo, executivo e judiciário.

() A liberdade de pensamento e de religião, bem como a igualdade perante a lei, é direito natural do homem.

() O governo existe pela necessidade de garantir os direitos e a segurança dos homens, mas seus poderes não podem ultrapassar os limites estabelecidos por aqueles que o escolheram.

() A razão é a única forma de se chegar ao conhecimento verdadeiro dos fatos.

() Todo poder emana do povo e é em nome do povo que ele é exercido.

- a) 4, 3, 2, 1 e 5.
- b) 3, 4, 5, 2 e 1.
- c) 2, 5, 1, 3 e 4.
- d) 1, 2, 4, 5 e 3.
- e) 5, 1, 3, 4 e 2.

06. (FIT) Sobre o Iluminismo é correto afirmar:

a) O Iluminismo pôde servir de suporte teórico para as revoluções liberais porque valorizou o empirismo em detrimento da razão.

b) Os iluministas defendiam a república e abominavam a monarquia, vista como origem do poder absolutista do antigo regime; seus pensadores pertenciam à burguesia.

c) Rousseau estabeleceu diferença entre Estado e Governo, sendo que este deveria ser o executor da vontade da maioria do povo, onde reside a soberania.

d) Montesquieu criou a teoria dos Três Poderes dividindo-os em executivo, legislativo e judiciário, sendo que o legislativo deveria estar acima dos demais, para evitar o absolutismo.

e) A teoria econômica dos iluministas foi a fisiocracia que representava a burguesia e defendia a atividade industrial financiada pelo Estado.

07. (FUVEST-SP) Sobre o chamado despotismo esclarecido, é correto afirmar que:

a) foi um fenômeno comum a todas as monarquias europeias, tendo por característica a utilização dos princípios do Iluminismo.

b) foram déspotas esclarecidos os responsáveis pela sustentação e difusão das ideias iluministas elaboradas pelos filósofos iluministas.

c) foi uma tentativa bem-intencionada, embora fracassada, de as monarquias europeias reformarem estruturalmente seus Estados.

d) foram os burgueses europeus que convenceram os reis a adotarem o programa de modernização proposto pelos filósofos iluministas.

e) foi uma tentativa, mais ou menos bem-sucedida, de algumas monarquias reformarem, sem alterações, as estruturas vigentes.

08. (PUC-MG) No século XVIII, as ideias mercantilistas foram criticadas por um grupo de economistas franceses, que pela primeira vez formulou, de maneira sistemática e lógica, uma teoria do liberalismo econômico. A fisiocracia, como ficou conhecida tal corrente de pensamento, propunha, exceto:

a) A riqueza da economia nacional depende do crescimento demográfico e do aumento do volume de metais preciosos do país.

b) Somente a terra ou a natureza é capaz de realmente produzir algo novo, sendo a agricultura o eixo da economia.

c) Toda intervenção do Estado é condenável quando não se limita a garantir a ordem natural definida pelo mercado.

d) Os agricultores, classe verdadeiramente produtiva, deveriam ser aliviados de carga tributária, estimulando a produção.

e) A indústria e o comércio, apesar de necessários, não fazem mais que transformar ou transportar os produtos gerados pela terra.

lônias localizadas na costa leste do atual Estados Unidos. Os primeiros colonizadores foram refugiados das guerras político-religiosas inglesas, também irlandeses, alemães, escoceses e suíços que se estabeleceram na costa atlântica da América do Norte e foram responsáveis pela fundação das **Treze Colônias Inglesas na América**, as quais tiveram características diferenciadas em seu processo de colonização. As colônias do centro-norte (Nova Inglaterra) eram colônias de **povoamento**, pois sua produção era voltada para o mercado interno, baseava-se no trabalho livre e na policultura minifundiária e, ainda, possuíam algumas manufaturas. Já as colônias do sul usavam o sistema de *plantation*, ou seja, baseavam-se na **exploração** de um latifúndio escravista, monocultor e exportador.



Fonte: ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. REIS, César Ferreira. CARVALHO, Carlos Delgado. *Atlas Histórico Escolar*. Adaptado. Rio de Janeiro, 1977.

A princípio, essas colônias não despertaram grande interesse no governo da Inglaterra, pois boa parte da costa leste norte-americana era desprovida de riquezas minerais e possuía um clima semelhante ao europeu, não podendo, portanto, oferecer nada mais do que a Inglaterra já possuía. Essa situação permitiu que os colonos tivessem certa autonomia, possibilitando seu progresso econômico, especialmente com o comércio

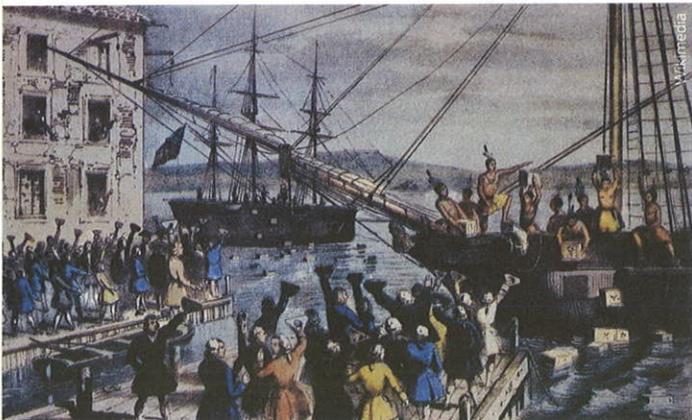
Independência dos Estados Unidos

A efetiva colonização inglesa na América do Norte iniciou-se a partir do século XVII, com a fundação de co-

e com a produção manufatureira das colônias do centro-norte.

No entanto, a prosperidade da colônia e a Revolução Industrial pela qual passou a Inglaterra, no final do século XVIII, a fez se interessar pela colônia como mercado consumidor para seus produtos, então o Parlamento Inglês aprovou uma série de medidas que determinavam o **fechamento de manufaturas, criação de impostos e restrição à liberdade comercial**, o que contrariou em muito e enfureceu os colonos, acostumados com sua autonomia e já muito influenciados pelos ideais liberais **iluministas**.

Para piorar, em 1773, a chamada **Lei do Chá** imposta sobre os colonos norte-americanos determinou que o produto seria monopólio da Companhia das Índias Orientais, com sede em Londres, excluindo os colonos americanos desse comércio. A reação veio por meio do **Boston Tea Party** (Festa do Chá de Boston), quando alguns colonos disfarçados de índios invadiram três navios da Companhia que estavam atracados no porto de Boston e atiraram ao mar todo o carregamento de chá.



Boston Tea Party

A resposta inglesa foi imediata, veio por intermédio das **Leis Intoleráveis** (1774), que, entre outras medidas, fechou o porto de Boston, ocupou militarmente a colônia de Massachusetts (onde se localizava Boston) e determinou o julgamento de todos os colonos envolvidos nos atos de rebeldia contra a Metrópole.

Diante das pressões inglesas, os colonos realizaram o **Primeiro Congresso Continental da Filadélfia** (1774), decidindo pelo boicote aos produtos ingleses, caso as leis intoleráveis não fossem revogadas. Os ingleses reagiram enviando tropas e ordenando a destruição de depósitos de armas pertencentes aos colonos americanos.

Sem outra alternativa, os colonos reuniram-se no **Segundo Congresso Continental da Filadélfia** (1775), decidindo pelo rompimento definitivo com a Inglaterra e convocando todos os norte-americanos a lutarem pela independência. Nesse mesmo congresso, foi redigida pelo jurista **Thomas Jefferson** e aprovada em **4 de julho de 1776**, a **Declaração de Independência**, com forte **influência iluminista** de **John Locke**, que determinava o direito de liberdade das **Treze Colônias Inglesas na América**, que juntas transformaram-se nos **Estados Unidos da América**.

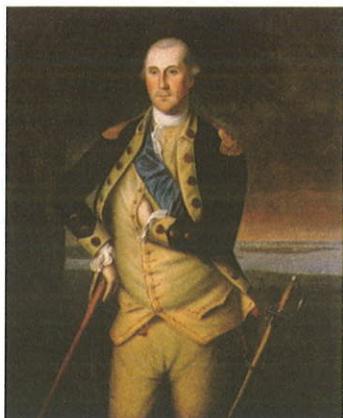


Declaração de Independência

Sustentamos como verdade evidente que todos os homens nascem iguais: que o Criador confere a todos certos direitos inalienáveis entre os quais estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade; que para assegurar estes direitos, os homens instituem governos que tiram seus justos poderes do consentimento dos governados; que sempre que uma forma de governo tende a destruir esses fins, o povo tem direito de reformá-la ou aboli-la, de instituir um novo governo que se funde nos ditos princípios, e de organizar seus poderes de forma que a seu juízo garanta melhor sua segurança e sua felicidade.

Trecho da Declaração de Independência dos Estados Unidos, 04 de julho de 1776.

A Inglaterra reagiu e a guerra pela independência prolongou-se por mais de seis anos. Inicialmente os americanos sofreram várias derrotas, porém, **Benjamin Franklin**, por meio de articulações políticas, conseguiu apoio financeiro e militar da França, Espanha e Holanda (países inimigos da Inglaterra), enquanto **George Washington**, grande proprietário de terras, assumiu o comando das tropas norte-americanas, conseguindo obter vitórias em Saratona e Yorktown, pondo fim ao conflito. Em 1783, o governo inglês reconheceu a independência das Colônias Americanas, através do **Tratado de Paris**.



George Washington

Terminada a guerra de independência, os americanos convocaram a **Convenção Constitucional da Filadélfia** para elaborar uma constituição para o novo país que surgia. Na convenção, apresentaram-se dois grupos: os **Republicanos**, que defendiam a total autonomia dos Estados, e os **Federalistas**, a favor de um forte poder centralizado. Em 17 de setembro de 1787, foi proclamada a Constituição dos Estados Unidos, inspirada nos ideais iluministas e na fusão das ideias republicanas e federalistas, determinando que o país seria uma **república federativa presidencialista** e o poder político ficaria dividido em **executivo, legislativo e judiciário** conforme o princípio de Montesquieu. A Constituição também assegurava a liberdade de expressão, de crença religiosa, o livre exercício dos direitos políticos e a adoção dos *habeas corpus*. O sufrágio (voto) era universal, mas não na prática, pois a Constituição exigia para o direito ao voto propriedades e capital acrescido de algumas emendas, esse texto constitucional continua em vigor até hoje.

Os Estados Unidos foram o primeiro país independente da América, servindo como exemplo para outros movimentos emancipacionistas no continente nos séculos XVIII e XIX.

O ideário iluminista, que inspirou os revolucionários americanos, expressou valores de liberdade, democracia, justiça e direitos humanos, levantando a bandeira da igualdade e fraternidade entre os homens. Porém, na prática, esses princípios não foram respeitados, pois a escravidão negra foi mantida por mais um século e, mesmo depois da abolição, a discriminação racial manteve-se e mantém-se presente no país. Além disso, de colônia inglesa, os Estados Unidos transformaram-se em audaciosos dominadores econômicos de regiões menos desenvolvidas, explorando-as e, muitas vezes, desres-

peitando o princípio de liberdade e dos direitos humanos tão defendidos em sua Constituição.

O pensamento de John Locke (1632-1704)

Sua concepção era tipicamente burguesa. Afirmava que os homens se juntam em sociedades e submetem-se a um governo com a finalidade principal de conservar suas propriedades, pois a falta de um **Estado** não garante a propriedade. A necessidade do Estado estaria em **garantir e assegurar** a propriedade.

Visando isso, Locke afirmava que se estabelece entre os homens um contrato que origina tanto a sociedade, como o Estado. O Estado seria soberano, mas sua autoridade viria desse contrato que o fez nascer e somente dele.

A **propriedade** seria uma continuidade da **liberdade**, portanto, o poder supremo (o Estado) não poderia tirar do homem nenhuma parte de suas propriedades sem seu consentimento, pois a finalidade do governo seria a conservação da propriedade.

Afirmava Locke, ainda, que **impostos** deveriam ser aprovados por um **Parlamento**, e que um monarca não poderia cobrá-los sem esse consentimento. Para ele, a propriedade seria objeto de **herança** em que o pai transmite a propriedade aos filhos, enquanto o poder político, ao contrário, não se transmitiria pela herança, mas sim por via **democrática, participativa e parlamentar**.

Após a Independência dos EUA

Guerra da Secessão

Por volta de 1860, os Estados Unidos já haviam consolidado sua expansão territorial, garantindo acesso também ao oceano Pacífico através da "conquista do oeste", favorecendo em muito seu comércio internacional. Além disso, o aumento da população significou a expansão do mercado interno, os meios de transporte progrediram e a imigração trouxe mão de obra qualificada e capitais estrangeiros.

Diferenças de interesses com o Norte levaram sete estados do Sul a separar-se da União, fundando os **Estados Confederados do Sul**, o que originou uma violenta guerra civil, que ficou conhecida como **Guerra da Secessão** (1861-1865), entre os confederados do sul e os nortistas (*yankees*). Os estados do Norte tinham praticamente o dobro de habitantes do Sul e um poderoso parque industrial. O Sul, por sua vez, quase não possuía fábricas, com sua economia ainda baseada sobre os grandes latifúndios, com mão de obra escrava.

Em 1863, durante o desenrolar do conflito, o presidente Abraham Lincoln aboliu a escravidão. Nesse mesmo ano a União venceu a decisiva **Batalha de Gettysburg**, mas os confederados apenas se renderam definitivamente em 1865.



Exercícios

03. Por que, a princípio, as Treze Colônias Inglesas na América desenvolveram-se com certa autonomia? Relacione essa autonomia com o processo de independência.

04. Existem contradições entre o ideal de independência e a constituição norte-americana, e a atual postura internacional dos Estados Unidos? Observe os noticiários internacionais e justifique sua resposta.



Testes

09. (PUCCAMP-SP) Primeira colônia americana a se tornar independente em 4 de julho de 1776, os Estados Unidos assumiram no século XIX:

a) uma posição estimulante aos movimentos revolucionários, contestando as estruturas tradicionais do poder vigente em grande parte na Europa.

b) uma intransigente defesa da intervenção do Estado nas atividades econômicas, visando controlar os abusos da burguesia.

c) a identificação do Estado com a religião puritana, que seria obrigatória a todos os cidadãos.

d) dentro do continente americano, uma política imperialista, impondo seus interesses econômicos às demais nações.

e) uma política de expansão colonial em direção à África e à Oceania.

10. Tratam-se de duas tendências políticas na Convenção Constitucional da Filadélfia:

a) Monarquia e república.

b) Parlamentarismo e presidencialismo.

c) Republicanos e federalistas.

d) Parlamentarismo e monarquia.

e) Federalismo e parlamentarismo.

11. (CEETEPS) A Guerra de Secessão (1861-65) resultou da diversidade econômica entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos da América e marcou a vitória:

a) da mentalidade industrialista dos capitalistas no Norte.

b) da mentalidade agrícola dos latifundiários do Sul.

c) da tendência escravocrata dos nortistas.

d) da mentalidade mercantilista do presidente James Monroe.

e) da sociedade agrária e aristocrática do Norte.

12. (UNI-RIO) Nos Estados Unidos, a Guerra da Secessão, que opôs os Estados do Norte e os do Sul, ocorreu devido às profundas diferenças existentes entre as duas sociedades. Assinale a opção que apresenta corretamente uma destas diferenças:

a) Norte: Predomínio das atividades comerciais.

Sul: Predomínio das atividades industriais.

b) Norte: Preponderância dos interesses livre-cambistas.

Sul: Preponderância dos interesses protecionistas.

c) Norte: Agricultura de exportação.

Sul: Agricultura de autoconsumo.

d) Norte: Parque manufatureiro em retração.

Sul: Parque manufatureiro em crescimento.

e) Norte: Defesa da utilização da mão de obra assalariada.

Sul: Defesa da utilização da mão de obra escrava.

Revolução Francesa (1789-1799)



**A Liberdade Guiando o Povo (1830),
Eugène Delacroix. Óleo sobre tela**

A Revolução Francesa, que teve início em 1789, é considerada um marco de passagem entre a Idade Moderna e a Idade Contemporânea. Os ideais e as ações dos revolucionários franceses moldaram a organização social e política do mundo contemporâneo capitalista ocidental.

Apesar de ser inspirada nos princípios iluministas de **liberdade, igualdade e fraternidade**, a revolução serviu muito mais para colocar a rica burguesia no poder, do que para construir uma sociedade mais justa e fraterna.

Mesmo sendo um movimento considerado essencialmente burguês, a participação da grande massa popular foi de fundamental importância nesse processo de derubada do chamado **Antigo Regime** e, de certa forma, plantou a semente dos Estados democráticos modernos.

“Antigo Regime” feudal-absolutista

O processo de formação do Estado Moderno absolutista manteve ainda algumas características do feudalismo, como uma sociedade que privilegiava aos nobres e ao clero, e o trabalho servil no campo, mas, por outro lado, fortaleceu a autoridade do governante perante a Igreja e acabou com o poder regional e descentralizados dos antigos senhores feudais.

França pré-revolucionária

No final do século XVIII, assim como a maioria dos países europeus, a França era governada por uma **monarquia absolutista**, ainda considerada de direito divino. O rei Luís XVI (1774-1792), pertence à Dinastia

de Bourbon, parecia governar sem grandes preocupações com a crise econômica em que o país estava mergulhado.

Desde o reinado de Luís XIV, as despesas do Estado já eram muito superiores à arrecadação tributária. Os gastos para a manutenção da numerosa e **luxuosa corte de Versalhes** e as despesas com o envolvimento da França na Guerra dos Sete Anos (1756-1763) e na guerra de Independência dos Estados Unidos (1776-1781) haviam afetado profundamente os cofres públicos.

A França era um país de **economia predominante agrária**, 80% da população morava no campo. Pequenos proprietários e camponeses ainda viviam sob padrões do regime feudal, pagando impostos excessivos.

A atividade comercial também enfrentava grandes dificuldades, pois os nobres cobravam impostos sobre a circulação de mercadorias em suas terras.

A burguesia industrial e comercial não tolerava mais os entraves do governo para o desenvolvimento de suas atividades e os constantes aumentos de impostos. Por sua vez, o povo também não suportava mais a miséria e a fome que se alastravam por todo o país.

Outro motivo de revolta era a ordem social **estamental** estabelecida pelo Antigo Regime, que dividia a sociedade em três Estados (ou estamentos):



Luís XVI, rei da França

O **Primeiro Estado**, formado pelo clero, dividido em alto clero (de origem nobre) e baixo clero (de origem popular) que não pagava impostos.

O **Segundo Estado**, composto pela nobreza, que vivia na corte ou era proprietária de terra; correspondiam a 4% da população, gozavam de privilégios políticos e também não pagavam impostos.

O **Terceiro Estado**, formado por grupos economicamente diferentes, era composto pelo restante da população, como operários, camponeses e toda a bur-

guesia, que pagavam os impostos, sustentando os privilégios do clero e da nobreza.

Pressionado para buscar uma solução para a crise, Luís XVI decidiu convocar a **Assembleia dos Estados Gerais**, uma espécie de parlamento com representantes dos três Estados. É a partir dessa convocação que tem início a **Revolução Francesa**.

França revolucionária

Assembleia dos Estados Gerais

Em maio de 1789, os Estados Gerais reuniram-se em Versalhes, e o rei abriu a Assembleia anunciando que a votação seria feita por estamento, o que de certa forma anunciou o resultado. O Primeiro e o Segundo Estado votaram juntos em favor da perpetuação de seus privilégios e pela sobrecarga de impostos sobre o restante da população.

Os deputados do Terceiro Estado não aceitaram a decisão apoiados por alguns poucos membros do baixo clero e da própria nobreza, declararam-se em Assembleia Nacional a fim de elaborar uma Constituição para a França.

Assembleia Nacional Constituinte

Em apoio aos deputados constituintes, a população de Paris decidiu agir e, em **14 de julho de 1789**, invadiu a **Bastilha**, uma prisão política que simbolizava o poder da monarquia francesa. Em seguida, a rebelião espalhou-se pelo interior do país, os camponeses invadiram castelos e mosteiros, massacrando membros da nobreza.



Tomada da Bastilha

Em 26 de agosto de 1789, a Assembleia aprovou um dos mais importantes documentos da Revolução: a **Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão**. Inspirada no ideário iluminista, essa declaração garan-

tiava principalmente o direito de igualdade perante a lei e de luta contra qualquer tipo de opressão, influenciada principalmente pelos princípios iluministas de Rousseau.

Os bens do clero foram confiscados e, em seguida, foi estabelecida a **Constituição Civil do Clero**, que abolia seus privilégios, colocando-os sob as ordens da Assembleia.

Muitos membros do clero e da nobreza fugiram para outros países e, com o apoio de monarquias absolutistas, passaram a organizar resistência contra o governo revolucionário francês.

Em 1791, finalmente ficou pronta a **Constituição francesa**, determinando que a França seria uma **Monarquia Constitucional**, na qual o rei perderia seus poderes absolutos. Seguindo as ideias do iluminista Montesquieu, o poder seria dividido em **executivo, legislativo e judiciário**. Para a eleição do legislativo e do judiciário, o **voto seria censitário** (pela renda), fazendo com que a maioria da população continuasse sem participação política. A Constituição também estabelecia total liberdade econômica, porém proibia o direito de greves (ao que parece, **alguns eram mais iguais do que os outros**) e assegurava o direito à propriedade, o que demonstrava a clara presença burguesa em sua elaboração.

Monarquia Constitucional

Luís XVI, não aceitando a limitação de seus poderes, estabeleceu contato com monarcas da Áustria e da Prússia que, com os nobres emigrados, já organizavam exércitos para invadir a França. O rei tentou fugir, disfarçado de criado, mas foi capturado e trazido de volta a Paris.

Revoltada, a população considerou o rei um traidor da pátria e, liderada pelos *sans-culottes* (sem culotes, os trabalhadores pobres da cidade, chamados assim por não usarem culotes, isto é, os calções curtos da moda aristocrática), invadiu o Palácio das Tulherias, depôs o rei e o fez prisioneiro. A Constituição foi suspensa e formou-se uma **Convenção Nacional**, cuja primeira atitude foi proclamar a **República**, em setembro de 1792.

República Jacobina

A Convenção Nacional dividiu-se em dois principais grandes grupos:

Girondinos

Representantes da alta burguesia, defendiam medidas moderadas e pretendiam manter o povo afastado do poder; por sentarem à direita do plenário, foram denominados **Partido da Direita**.

Jacobinos

Representantes da pequena burguesia e das camadas mais populares, defendiam medidas mais radicais para diminuir as diferenças econômicas, por sentarem à esquerda do plenário, eram chamados de **Partido de Esquerda**.

Havia, ainda, o grupo da **Planície** que representava a burguesia e não tinha posição política definida, apoiando sempre quem estava no poder (de acordo com interesses próprios), sentavam-se no centro do plenário.

O rei foi julgado e condenado como traidor da pátria. Em 21 de janeiro de 1793, **Luís XVI foi executado** na guilhotina, em praça pública.



A execução de Luís XVI

A princípio, os girondinos dominaram a Convenção, mas os conflitos políticos internos se agravavam à medida que cresciam as dificuldades econômicas e as ameaças militares externas. Em julho de 1793, os jacobinos, aliados aos *sans-cullottes*, prenderam os líderes girondinos e passaram a controlar a Convenção. Essa foi a fase mais popular de toda a Revolução, mas também a mais radical e violenta.

Os jacobinos criaram o **Comitê de Salvação Nacional**, encarregado da segurança interna, e o **Tribunal Revolucionário**, que deveria julgar e punir os traidores da Revolução. Para centralizar o poder, foi criado o **Comitê de Salvação Pública**, responsável pela administração e pela defesa externa do país. Liderado por **Robespierre**, esse comitê estabeleceu uma série de medidas populares: distribuiu as propriedades dos nobres emigrados entre os camponeses, tabelou preços de alimentos, aumentou impostos sobre as grandes fortunas, instituiu o voto universal, criou leis de assistência aos indigentes, aboliu a escravidão nas colônias, entre outras tantas medidas.

Evidentemente essas medidas desagradaram aos girondinos, que passaram a fazer oposição ao governo

de Robespierre. O assassinato do líder jacobino Jean-Paul Marat desencadeou uma série de reações violentas com perseguições e assassinatos de suspeitos de serem contrarrevolucionários. Essa fase (1793-1794) ficou conhecida como **Período do Terror**, pois cerca de 42 mil pessoas foram executadas. Robespierre tornava-se cada vez mais radical e violento, a ponto de mandar matar os próprios jacobinos que discordavam de suas atitudes. Dessa forma, foi perdendo o apoio popular, facilitando a ação dos girondinos, que retomaram o poder e condenaram Robespierre à guilhotina.



Robespierre

O controle do governo voltou para as mãos da alta burguesia, que prendeu e executou muitos jacobinos e revogou as leis populares estabelecidas pelo Comitê de Salvação Pública. Foi elaborada uma nova constituição, restabelecendo o voto censitário e determinando que o governo da França seria exercido por um **Diretório**.

Diretório

Foi um período de grande instabilidade política e muita corrupção. Além disso, as ameaças dos monarquistas, que queriam a volta do Antigo Regime, e dos jacobinos, que pretendiam retomar o poder, enfraqueciam o governo. Receosos de perder novamente o poder, a burguesia girondina aliou-se aos militares, representados pelo jovem e popular **General Napoleão Bonaparte**, desfechando um golpe político, conhecido como **18 Brumário** (10/11/1799), que derrubou o Diretório e estabeleceu um novo governo, o **Consulado**, marcando o fim da Revolução Francesa.

O General Bonaparte havia se tornando um herói nacional, pois durante a revolução liderou importantes batalhas, com significativas vitórias e vantagens territoriais para a França, como nas campanhas da Itália e do

Egito. Admirado internamente e temido externamente, Napoleão seria a figura ideal para governar a França nesse momento de crise.

Era napoleônica (1799-1815)

Consulado (1799-1804)

Napoleão Bonaparte tornou-se o primeiro cônsul. A prioridade do consulado era conter a oposição política interna e reorganizar a economia da França, atendendo principalmente aos interesses da burguesia.



Napoleão Bonaparte

Entre outras medidas, Bonaparte fundou o Banco da França; aumentou as taxas alfandegárias sobre os artigos importados; financiou a produção industrial e agrícola; reorganizou a cobrança de impostos e empregou os novos recursos em construções públicas, gerando empregos. Em 1801, assinou uma **Concordata** com a **Igreja Católica**, reconhecendo o catolicismo como religião oficial da França, o que possibilitaria o uso da religião como instrumento político.

Ainda durante o Consulado, foi elaborado um Código Civil – o **Código Napoleônico** – concluído em 1804, que garantia os interesses econômicos da burguesia e, de forma autoritária, mantinha a paz interna e a estabilidade econômica.

Valendo-se de sua popularidade, Napoleão Bonaparte proclamou-se **imperador**, sendo coroado em dezembro de 1804, com o título de **Napoleão I**.

Império (1804-1815)

O período imperial foi marcado pelo domínio francês sobre quase toda a Europa a partir das conquistas

de Napoleão. Derrotar a Inglaterra, a maior potência industrial do século XIX, tornou-se de fundamental importância para a hegemonia francesa na Europa, por isso, em 1806, Napoleão Bonaparte decretou o **Bloqueio Continental**. Esse Bloqueio determinava que nenhum país da Europa poderia comercializar com a Inglaterra, sob pena de ser invadido.

Em 1813, após várias coligações para tentar deter Napoleão, Prússia, Inglaterra, Rússia e Áustria derrotaram finalmente o exército francês pela primeira vez. Entraram vitoriosos em Paris e depuseram Napoleão, enviando-o para a **Ilha de Elba**, no Mediterrâneo, restaurando a monarquia na França.

Porém, em 1815, Napoleão Bonaparte fugiu da Ilha de Elba com cerca de mil soldados, voltou a Paris e reassumiu o governo com o apoio do exército e da população, no chamado **Governo dos Cem Dias**.

No entanto, Napoleão foi definitivamente derrotado, em 1815, na **Batalha de Waterloo**, na Bélgica, e aprisionado na **Ilha de Santa Helena**, uma possessão da Inglaterra no litoral atlântico da África, onde **morreu em 5 de maio de 1821**.



Batalha de Waterloo (1852),
Clément-Auguste Andrieux. Óleo sobre tela.

Congresso de Viena

Já na primeira derrota de Napoleão Bonaparte os países vencedores reuniram-se no **Congresso de Viena** (1814-1815), na Áustria, para restabelecer as características políticas da Europa, anteriores à Revolução Francesa.

O objetivo do Congresso era restaurar o mapa político da Europa que havia sido modificado pelas conquistas de Napoleão. Propunha devolver os tronos europeus a suas antigas dinastias, restabelecendo as fronteiras nacionais. Nesse processo, os países que lideraram o Congresso (Inglaterra, Rússia, Áustria e Prússia) beneficiaram-se com as divisões territoriais.

Para colocar em prática as decisões do Congresso de Viena e manter a “paz” na Europa, foi criada a **Santa Aliança**: uma união de países cristãos com direito de intervir militarmente em qualquer nação que sofresse ameaças de revoluções liberais e nacionalista, bem como conter os movimentos de emancipação das colônias americanas.

A Inglaterra afastou-se da Santa Aliança, pois apoiava, por interesses econômicos, os movimentos de independência da América Latina.

Testes

13. (UFRJ) A partir de 1789, a França viu-se envolvida em um intenso processo revolucionário, que teria uma de suas culminâncias no ano de 1793, quando o rei Luís XVI foi executado. Entre os princípios da Revolução Francesa, pode-se, principalmente, identificar:

- a) a defesa intransigente de um Estado operário revolucionário, através do qual o capitalismo fosse eliminado e as classes sociais suprimidas.
- b) o compromisso com o fim dos privilégios da nobreza e com a construção de um sociedade baseada no respeito dos direitos individuais.
- c) a valorização de uma sociedade estamental, hierarquizada, em que os segmentos da nobreza tivessem natural ascendência sobre a sociedade.
- d) o compromisso com a tradição feudal francesa, em oposição aos grupos capitalistas emergentes e seus valores burgueses.
- e) a defesa do papel divino da Igreja Católica e a necessidade de se preservar o cristianismo romano no Ocidente.

14. (UFMG) Pode-se afirmar que um dos resultados do Congresso de Viena foi:

- a) atrasar o processo da independência das colônias espanholas que mantinham vínculos comerciais com a Inglaterra.
- b) derrotar a dinastia dos Bourbons e colocar a França, ocupada por tropas da Santa Aliança, sob o domínio da Áustria.
- c) garantir a estabilidade e a unidade da Europa em virtude do processo de homogeneização dos países europeus.
- d) impedir o desenvolvimento dos projetos políticos das burguesias nacionais e os avanços das relações capitalistas de produção.

e) refazer o mapa da Europa que voltou a apresentar algumas características geopolíticas anteriores à Revolução Francesa.

15. O sistema republicano da Revolução Francesa pode ser caracterizado como o(a):

- a) fase mais popular e mais radical da revolução, na qual os jacobinos ascenderam ao poder apoiados pelos *sans-cullottes*.
- b) período em que os girondinos, representados por Robespierre, implantaram uma ditadura que culminou na Era do Terror.
- c) fase de maior tranquilidade política da revolução, devido à ascensão de Napoleão Bonaparte ao poder, nome que se tornou consenso entre os revolucionários franceses.
- d) momento de grande intranquilidade política e social, marcado por várias tentativas de golpe de Estado, destacando-se o movimento de tendência comunista liderado por Gracchus Babeuf.
- e) fase de consolidação da República burguesa na França, na qual a alta burguesia procurou estabilizar as suas conquistas revolucionárias.

16. (UNIFOR-CE) O chamado período do Terror (1793-94), no processo da Revolução Francesa, teve como uma de suas características:

- a) o radicalismo político, centrado, especialmente, na figura de Robespierre.
- b) a ocorrência de vários golpes de Estado, ora à direita, ora à esquerda, com sucesso.
- c) o afastamento dos jacobinos do poder, em face de seu espírito de conciliação.
- d) o envolvimento dos girondinos na defesa das ideias de *Saint-Just*.
- e) a preocupação em elaborar uma constituição que protegesse os direitos do homem.

Independência da América Hispânica

Os líderes do movimento de emancipação da América espanhola eram típicos representantes das **elites coloniais** – os **criollos** – que chefiavam tropas populares formadas por mestiços e índios. Lideraram o movimento de independência mais por interesse de classe do que pelas ideias de liberdade. Essa elite estabeleceu na América, após a independência, governos oligárquicos que, de certa forma, foram responsáveis

pelo subdesenvolvimento dos países da antiga América espanhola.

O quadro social das colônias espanholas na América, nos séculos XVIII e XIX, era composto por **chape-tones** (espanhóis residentes na colônia e providos de poderes políticos e econômicos), **criollos** (brancos de origem espanhola e desprovidos de poderes políticos), mestiços e escravos.

Os criollos formavam uma elite econômica, porém politicamente marginalizada. Ansiavam por poder político, pois pretendiam libertar-se da opressão fiscal exercida pela colônia.

As transformações que ocorriam na Europa entre os séculos XVIII e XIX influenciaram as colônias e permitiram o aparecimento dos movimentos de independência. As ideias liberais iluministas chegavam às colônias pelos criollos, que iam estudar em universidades europeias.

A **Independência dos Estados Unidos** foi um exemplo e um estímulo para as demais colônias da América.

A **Revolução Francesa** foi outro exemplo de luta contra o poder opressor político, evidenciando ainda mais as ideias iluministas.

Diante da realidade imposta pela **Revolução Industrial**, a Inglaterra decidiu apoiar os movimentos de independência na América espanhola, para conquistar novos mercados consumidores de seus produtos.

Durante as guerras napoleônicas, a Espanha foi invadida por tropas francesas, seu rei foi aprisionado e o país mergulhou em uma luta contra as tropas invasoras. Esse enfraquecimento da metrópole possibilitou o surgimento de grupos políticos na colônia, que adquiriam condições de lutar por sua emancipação política.

Guerras de independência

Em 1810 e 1814, os movimentos de libertação ganharam força. Porém, foi apenas a partir de 1817 que começaram a ter suas primeiras vitórias, surgindo, assim, os primeiros países latino-americanos independentes.

Os principais líderes libertadores foram **Simón Bolívar** e **San Martín**. Bolívar liderou a independência da Venezuela, Colômbia e Equador. Enquanto San Martín participou da independência da Argentina, auxiliando, ainda, o Chile, o Peru e a Bolívia.

No México, depois de uma tentativa de se instaurar um governo monárquico em 1822, a independência foi proclamada em 1824, sendo instituída uma república.

No entanto, mesmo a independência sendo concretizada, houve uma grande fragmentação territorial nas antigas colônias espanholas. As ideias liberais foram abandonadas, pois a elite composta por ricos latifundiários conquistou o poder em seu favor, criando governos ditatoriais comandados por **caudilhos** e frustrando os ideais de libertação da maioria do povo hispano-americano.



Simón Bolívar



San Martín



Fonte: World History Atlas. Dorling Kindersley Limited. Adaptado. London, 2008.

Os Estados Unidos reconheceram prontamente as independências das repúblicas latino-americanas, com base na política externa desenvolvida pelo **Presidente Monroe**, cujo princípio fundamental era: "a América para os americanos". A **Doutrina Monroe** servia de justificativa à oposição dos Estados Unidos contra qualquer intervenção europeia no continente, e servia também para manter firme a influência norte-americana sobre as ex-colônias da América Latina.

Exercícios

05. Por que, ao final, a independência das colônias espanholas não seguiu as ideias revolucionárias?

06. Baseando-se no que foi estudado, você acha que o processo de independência das colônias hispano-americanas foi, de certa forma, responsável pela atual situação econômica da América Latina? Justifique sua resposta.

07. (FUVEST-SP) Que relação há entre as guerras napoleônicas e os movimentos de independência da América Espanhola?

Testes

17. (FUVEST-SP) Na América Espanhola, os movimentos de independência foram estimulados pela:

- a) transferência do poder político dos criollos para os chapetones, eliminando os vínculos que uniam as colônias espanholas da América à Metrópole.
- b) desarticulação do poder monárquico na Espanha com as guerras napoleônicas.
- c) manutenção do Pacto Colonial, elemento principal da prática do livre comércio.
- d) ausência de reforma administrativa de caráter mercantilista.
- e) ação da população mestiça, que liderava os movimentos emancipacionistas.

18. (UNIRIO-RJ) No processo de formação do Estado Nacional na América Latina, os chefes locais desempenharam um importante papel. Esses líderes eram denominados:

- a) Chapetones.
- b) Cabildos.
- c) Corregedores.
- d) Cimarrones.
- e) Caudilhos.

19. (VUNESP) Após a emancipação política ao longo do século XIX, a vida institucional, na maioria dos países latino-americanos, foi marcada pelas seguintes características:

- a) prolongada instabilidade política, predomínio das oligarquias dirigentes e submissão das massas pauperizadas.
- b) velhas oligarquias em crise e o desenvolvimento do populismo atrelado ao capital multinacional.
- c) predomínio do modo de produção capitalista que promovia a unificação política e a integração econômica.
- d) estabilidade política alicerçada em modelo republicano de governo.
- e) sujeição dos políticos às exigências dos grupos oprimidos.

Revolução Industrial

A partir de 1750, desenvolveu-se na Europa um processo de grandes transformações desencadeado pela **acumulação de riqueza** (capital) e pelo **aumento de produção**. Aconteceu inicialmente na **Inglaterra** e encerrou a transição entre **feudalismo** e **capitalismo**.

A palavra **revolução**, ao contrário do que muitos imaginam, não corresponde a um sinônimo de revoltas, guerras ou qualquer tipo de conflito armado, mas sim à ideia de grande transformação, porém, ao longo da história, grandes mudanças, de forma geral, foram marcadas por armas e guerras. Mas, no entanto, em relação à Revolução Industrial, o termo se refere ao seu verdadeiro sentido, em relação às grandes transformações que o chamado **nascimento das fábricas** trouxe com o desenvolvimento da sociedade capitalista industrial.



Coalbrookdale, cidade britânica, considerada um dos berços da Revolução Industrial

Pioneirismo industrial da Inglaterra

A **Revolução Industrial** foi marcada por transformações que se relacionaram diretamente à substituição do trabalho artesanal que utilizava ferramentas, pelo trabalho assalariado, em que predominava o uso das máquinas. Com o surgimento do capitalismo passou a imperar o produtivismo e, a partir dele, a necessidade cada vez maior de concentração de mão de obra sob forte controle.

Durante a fase do capitalismo comercial, a Inglaterra foi a nação que mais **acumulou** capitais. Desde o século XVI, grande parte da burguesia inglesa lucrava com o tráfico de escravos, com o comércio de lã e até mesmo com a pirataria. Havia ainda atividades agrícolas e manufatureiras, que também geravam lucros. E grandes excedentes de **mão de obra** camponesa transformaram-se em um imenso contingente de trabalhadores disponíveis para as indústrias.

Outro fator que beneficiou a industrialização inglesa foi a Revolução Gloriosa de 1688, que acabou com o absolutismo real e instaurou uma **monarquia parlamentar**, permitindo que a burguesia chegasse ao

poder, participando das decisões políticas em benefício de suas atividades econômicas capitalistas.

Além desses fatores, o solo inglês era rico em jazidas de carvão e ferro, matérias-primas essenciais para a construção de máquinas e produção de energia a vapor.

A soma de todos esses fatores permitiu à economia inglesa as condições necessárias para o desenvolvimento tecnológico que possibilitou a **mecanização da produção** que caracterizou a **Revolução Industrial**. Até a segunda metade do século XVIII, a grande indústria inglesa era a tecelagem de lã, mas a primeira a mecanizar-se foi a de algodão.

Etapas da Revolução Industrial

A fase inicial da industrialização se restringiu à Inglaterra e teve como expoente tecnológico a energia a vapor, é chamada de **Primeira Revolução Industrial** (por volta de 1770 a 1840).

Em meados do século XIX, a industrialização passou a se expandir para outros países (Europa Continental, Estados Unidos e Japão), e começaram a surgir novos tipos de energia como **eletricidade** e **derivados do petróleo**. A produção industrial diversificou-se com a introdução da **siderurgia** (transformação do ferro em aço), a ampliação das ferrovias seguidas das invenções do **automóvel** e do **avião**. Essa fase é classificada por alguns historiadores como a **Segunda Revolução Industrial**.

Consequências

O êxodo rural levou a um **crescimento urbano** desordenado, permitindo que os bairros de operários fossem lugares marcados pela pobreza e falta de higiene. Os operários surgiram como uma nova classe social – o **proletariado urbano**. Trabalhavam em condições desumanas e em ambientes insalubres, com jornadas de mais de quatorze horas. Como os salários eram muito baixos, toda a família trabalhava na fábrica, sendo comum a exploração de mulheres e crianças.

As lutas por melhores condições de trabalho levaram os operários a reagirem, inicialmente, quebrando as máquinas, no chamado movimento **Ludista** (iniciando por Ned Ludd). Posteriormente, os operários organizaram-se em associações (futuros sindicatos) que lideravam greves e passeatas, sempre reprimidas com muita violência. Em 1838, os operários ingleses redigiram a **Carta do Povo**, encaminhando suas reivindicações ao Parlamento, que não foram aceitas. Essa manifestação, que ganhou muitos adeptos, ficou conhecida como movimento **Cartista**. Somente no fi-

nal do século XIX, começaram a surgir, por força das circunstâncias, as primeiras leis trabalhistas.

Mesmo com a industrialização dos outros países, a Inglaterra continuou sendo a principal potência industrial. Porém, as disputas por mercados consumidores e matéria-prima provocaram uma **nova onda colonialista**, na qual os países industrializados passaram a explorar a **África**, a **Ásia** e a **Oceania**.

A Revolução Industrial estabeleceu a supremacia de uma ideologia burguesa capitalista no quadro socioeconômico mundial, provocando o aparecimento de novas doutrinas políticas (antiburguesas), como o **socialismo** e o **anarquismo**.

Testes

20. (UFPR) A era da industrialização na Europa foi acompanhada por transformações no processo de trabalho, entre as quais podemos citar:

03) Passagem do sistema doméstico ao sistema fabril de produção.

02) Concentração de trabalhadores em unidades fabris, desenvolvendo a divisão social do trabalho e a especialização em determinados ramos da produção.

04) Manutenção da estrutura corporativa de trabalho, pronto a aceitar a disciplina do trabalho fabril constituindo mão de obra assalariada.

08) Promoção de um novo modelo de trabalho, pronto a aceitar a disciplina do trabalho fabril constituindo mão de obra assalariada.

16) Utilização frequente de mão de obra feminina, submetida ao mesmo regime de trabalho durante longas jornadas.

21. (FCMSC-SP) O desenvolvimento das ideias socialistas na época contemporânea está relacionado com a:

a) vitória que as classes operárias obtiveram durante vários movimentos revolucionários, sobre tudo os de 1830 e 1848.

b) disseminação dos argumentos apresentados por Thomas Morus contra a injustiça social e a propriedade.

c) formação de grandes concentrações operárias urbanas, em condições precárias, como consequência da Revolução Industrial.

d) pregação feita por Robert de Lammenais em nome da solidariedade e da justiça social para os trabalhadores.

e) política desenvolvida inicialmente por Guizot no sentido de aproveitar o potencial revolucionário da classe operária.

22. (FATEC-SP) Os resultados sociais da Revolução Industrial, nos meados do século XIX, consistiam em:

a) melhoria das condições de trabalho nas fábricas de tecido, com a redução das jornadas de trabalho.

b) organização do mercado de trabalho, de maneira a assegurar emprego a todos os assalariados.

c) melhoria das condições de habitação e lazer com a organização dos bairros operários.

d) constituição de uma classe de assalariados que tinham na venda de seu trabalho a única fonte de subsistência.

e) aumento da taxa de acumulação e do lucro em consequência da introdução de máquinas na indústria.

23. (PUCCAMP-SP) Em relação às inovações técnicas, o que identifica a segunda fase da Revolução Industrial (1860 a 1900) é:

a) o uso do carvão e do ferro e o surgimento da máquina a vapor em substituição ao trabalho humano.

b) a utilização do aço e da energia elétrica e o desenvolvimento dos produtos químicos.

c) o emprego de ferramentas e do tear mecânico e o aparecimento da lançadeira volante.

d) a descoberta do petróleo e do gás liquefeito e a mecanização da agricultura.

e) a aplicação da produção em série e do combustível sólido e a informatização das linhas de montagem.

Liberalismo

No final do século XVIII começaram a se espalhar por toda a Europa e pelas colônias americanas as **ideias iluministas** de liberdade individual, política e economia, necessárias ao fortalecimento da **burguesia**. Ao mesmo tempo, apareceram teorias econômicas que além de defender o **capitalismo**, propunham a eliminação da interferência do **Estado** na economia e a absoluta liberdade econômica, constituindo o **liberalismo**.

O principal representante do liberalismo econômico foi **Adam Smith**, autor da famosa obra *Ensaio sobre a riqueza das nações*. Em seu estudo, o trabalho ocupou o primeiro plano na conquista das riquezas. De acordo com ele, a riqueza dos países não residiria no ouro, na prata ou na agricultura, mas sim no **trabalho**, capaz

de transformar matéria bruta em produtos com valor de mercado, cabendo aos governos, tão somente, conceder liberdade total à produção nacional, ao comércio internacional e livre câmbio.

A partir de seu pensamento, o **liberalismo** passou a exaltar, principalmente, a liberdade que o homem deveria ter para vender sua **força de trabalho** (seu tempo e seu saber), preocupando-se em defender os interesses da propriedade e, em momento nenhum, em proteger e amparar o proletário que só possuía sua força de trabalho para vender. Os ideais liberais, com o tempo, se converteram em uma ideologia disciplinar da classe trabalhadora.

Outros representantes principais do liberalismo foram:

Thomas Malthus



Thomas Malthus

Escreveu o *Ensaio sobre os princípios da população*. Nessa obra, afirma que a miséria dos trabalhadores era consequência de uma lei da natureza. Para Malthus, a população crescia em **progressão geométrica**, enquanto as fontes de alimentos aumentavam em **progressão aritmética**, fazendo com que a solução, para a nobreza, segundo ele, estivesse simplesmente em reduzir o número de nascimentos de pessoas pobres. Teorias como a dele desobrigavam a classe dominante de combater a pobreza. Consolidava-se a crença da miséria como inevitável, levando ao pensamento que sustentava que cada um cuidasse de sua própria subsistência e sobrevivência.

David Ricardo

Em sua obra *Princípios da economia política*, afirmava que o trabalho deveria ser encarado com uma **mercadoria** qualquer, sujeita à lei da oferta e da procura. Se havia muita oferta o preço diminuía, resultando em **baixos salários**, não cabendo ao Estado ou sindicatos exigir aumentos de salários, contrários a essa

lei. Assim, David Ricardo procurava justificar os salários de fome e a exploração dos trabalhadores.

Com o **liberalismo** e a **valorização do capital**, as condições dos trabalhadores das fábricas pioraram através dos salários baixos, das jornadas de trabalho muito longas, de 12 a 16 horas por dia, e das altas taxas de desemprego provocadas pelo excesso de mão de obra. Agravando ainda mais essas condições, o número de habitantes das cidades aumentava em ritmo acelerado, pois o campo também sofria os efeitos da substituição do homem pela máquina em busca de maior produção.

Essas circunstâncias explicam o surgimento de **doutrinas** (formas de pensamento) que defendiam os interesses dos trabalhadores, atacando os **burgueses** e a **sociedade capitalista**.



David Ricardo

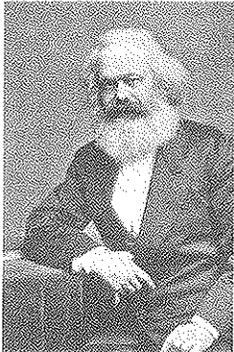
Pensamento socialista

As ideias socialistas surgiram em consequência da miséria reinante, como os gritos de revolta de uma população sofrida, contra a exploração e as injustiças sociais da sociedade capitalista.

Como alternativa, o **socialismo** se apresentou como a preocupação por uma sociedade que **eliminasse as desigualdades** entre os homens e que **rejeitasse o capital e o mercado**, construída a partir da **supressão da propriedade privada dos meios de produção** (instalações, ferramentas ou máquinas e matéria-prima).

Os teóricos das primeiras correntes socialistas foram chamados de **socialistas utópicos** (uma situação ideal "que não existe em lugar nenhum" – a expressão **utopia** foi retirada da obra de Thomas More que propunha uma sociedade alternativa onde a existência de propriedade privada asseguraria a felicidade dos homens). Porém, a teoria socialista ganhou força e consistência com **Karl Marx** e **Friedrich Engels**. Segundo

eles, a sociedade sempre evoluiu por meio do conflito entre explorados e exploradores, chamado **luta de classes**. Propunham que os operários se organizassem para, através de uma **revolução**, derrubar a burguesia e a sociedade capitalista, fazendo nascer a **sociedade socialista**, na qual não haveria propriedade privada, nem diferenças sociais. Com seu método de análise, desenvolveram o chamado **socialismo científico**, em contraposição ao socialismo utópico.



Karl Marx



Friedrich Engels

Segundo Marx, só o trabalho gera riqueza, e justamente quem a produz a ela não tem direito. O chamado **marxismo** buscou também configurar-se em uma **prática política revolucionária que pudesse destruir o capitalismo e instaurar o socialismo**. Este, porém, não seria o estágio final. Com a tomada do poder pela classe operária, seria necessário um período para a consolidação do poder desta classe, por meio de um Estado forte e centralizador, a **ditadura do proletariado**, para que se pudesse passar a **uma sociedade completamente sem classes e sem Estado, o comunismo**.

Exercícios

08. O surgimento das ideias socialistas foi um reflexo da situação socioeconômica vivida pelo proletariado durante a Revolução Industrial? Justifique sua resposta.

09. Caracterize o liberalismo econômico.

Respostas

Exercício 01: A divisão dos três poderes, o racionalismo, os princípios dos direitos humanos e o liberalismo econômico. Em teoria sim, pois as pessoas passaram a ter liberdade de ação, porém, num mundo capitalista em que as oportunidades não são iguais para todas as camadas da sociedade, as injustiças sociais ainda existem. Hoje, o poder opressor não é mais político, mas sim econômico.

Exercício 02: Déspotas esclarecidos. Porque causaram um governo combinando o absolutismo com os ideais iluministas, isto é, um absolutismo adaptado às ideias vigentes.

Exercício 03: A princípio, a Inglaterra não teve grande interesse em suas colônias americanas, pois estas não apresentavam riquezas minerais e possuíam clima muito semelhante ao da metrópole, além disso, o país estava envolvido em guerras na Europa. Essa situação permitia às colônias desenvolverem-se com certa autonomia. Porém, quando a Inglaterra precisou aumentar os impostos e limitar o poder dos governos coloniais, desencadeou-se uma violenta reação que culminou com a independência das Treze Colônias.

Exercício 04: A Constituição fala em liberdade, democracia e direitos humanos e os Estados Unidos interferem diretamente na política de outras nações, sempre tendo em vista seus propósitos interesses.

A resposta pode ser pessoal. O professor poderá levantar questões que estiverem sendo notícia no momento.

Exercício 05: Em razão de elite dos ricos latifundiários conquistarem o poder em seu favor.

Exercícios 06: A resposta pode ser pessoal, basta que o aluno justifique sua posição. Possibilidade para resposta: De certa forma sim, pois foi a elite econômica que tomou a frente do movimento e passou a governar os novos países, a maioria era latifundiária e permitiu que a América continuasse a ser apenas fornecedora de produtos agrícolas, tornando-se dependente dos países industrializados.

Exercício 07: Napoleão Bonaparte dominou o trono da Espanha, colocando no governo seu irmão José Bonaparte. As lutas dos espanhóis contra o domínio francês

enfraqueceram a metrópole espanhola, fazendo com que as colônias tivessem mais liberdade para agir no sentido de sua libertação.

Exercício 08: As ideias socialistas surgiram na busca de uma sociedade mais justa, em que as relações de trabalho não estivessem baseadas em exploradores e explorados, ou em proprietários e trabalhadores. Já que, inicialmente, não existiam leis que defendessem o trabalhador, que vivia em péssimas condições.

Exercício 09: Caracterizou-se pela não intervenção do Estado na economia, a livre iniciativa e a lei da oferta e da procura.

Gabarito

01) D	02) A	03) C	04) A	05) C	06) C
07) E	08) E	09) D	10) C	11) A	12) E
13) B	14) E	15) A	16) A	17) B	18) E
19) A	20) *	21) C	22) D	23) B	

*20. 27 (01, 02, 08 e 16)

Sumário

História **5^E**

**Imperialismo
(séculos XIX e XX)** 3

Neocolonialismo 3

Ideologia imperialista 4
Expansionismo norte-americano 5

**Primeira Guerra Mundial
(1914-1918)** 5

Início da guerra 6
Guerra 6
Consequências 7

Revolução Russa 8
Antecedentes da revolução 8
Revolução 9
Governo de Lenin (1917-1924) 10
Governo de Stalin (1924-1953) 10

**Período entreguerras
(1919 a 1938)** 12

**Crise econômica e
regimes totalitários** 12
Estados Unidos e a Crise de 1929 13
Regimes totalitários 14
Fascismo na Itália 14
Nazismo na Alemanha 15
Portugal e Espanha 16

**Segunda Guerra Mundial
(1939 a 1945)** 17

Início do conflito 17
Guerra torna-se mundial 18
Aliados começam a vencer 18
Dia D 18
Consequências da guerra 19

História

Imperialismo (séculos XIX e XX)



Charge representando o fato de Inglaterra e França terem sido os dois maiores impérios coloniais (1805), James Gillray

O termo **imperialismo** designa a dominação de uma nação rica sobre outras menos desenvolvidas.

Nos séculos XVI e XVII, quando os países europeus, em função de sua expansão comercial, conquistaram toda a América, essa prática de dominação ficou conhecida como **colonialismo**. Já nos séculos XIX e XX, as disputas entre as nações industrializadas geraram uma nova fase de dominação, voltada principalmente para **África** e **Ásia**, e para os países da América Latina, que, apesar de já terem conquistado sua independência política, continuavam submetidos à dependência econômica. Essa nova ação imperialista foi denominada **neocolonialismo** ou **imperialismo**.

Atualmente, essa dominação, maquiada de simples transações capitalistas e encabeçada quase que exclusivamente pelos EUA, de certa forma, é o que está sen-

do chamada de **globalização**. A palavra imperialismo hoje é utilizada apenas como crítica a esse processo.

Neocolonialismo

A Revolução Industrial, iniciada na segunda metade do século XVIII, provocou inúmeras transformações, criando uma nova realidade econômica e política, que não chegou a abalar todo o mundo, pois estava praticamente restrita à Inglaterra.

Porém, em meados do século XIX, o processo de industrialização, com novos avanços tecnológicos, já se espalham por quase toda a Europa, EUA e Japão, na chamada **Segunda Revolução Industrial**. A Inglaterra ganhava fortes concorrentes industriais e comerciais, pois os países adotavam medidas protecionistas para preservarem seus mercados internos.

Em consequência desse processo, os países industrializados passaram a necessitar de novos mercados consumidores, de fornecedores de matérias-primas (carvão, ferro, petróleo, etc.) para a produção industrial e de regiões onde pudessem expandir seus excedentes de capital. A solução foi a conquista de nações não industrializadas. A maioria dos países africanos e asiáticos foram realmente colonizados, sendo submetidos não somente à dominação **econômica** e **cultural**, mas também **política** e **militar**.

O **continente africano** foi, provavelmente, o que mais sofreu com as explorações colonialistas. No século XV, apesar do grande comércio de escravos, apenas algumas regiões litorâneas foram dominadas pelos europeus, porém, em meados do século XIX, com a descoberta de novas jazidas de ouro e diamantes no interior, os europeus passaram a explorá-lo intensamente.

Para evitar conflitos entre as nações colonizadoras, a divisão de terras africanas foi oficializada na **Conferência de Berlim** (1885), com a participação de quatorze países europeus, além da Rússia e dos EUA. Seu objetivo era organizar as fronteiras coloniais e estabele-

cer regras, embora países como a França e a Inglaterra já tivessem obtido grandes vantagens territoriais.



Fonte: ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de; REIS, César Ferreira; CARVALHO, Carlos Delgado. *Atlas Histórico Escolar*. Adaptado. Rio de Janeiro, 1977.

Na Ásia, uma das principais regiões dominadas pelo imperialismo inglês foi a Índia, desde o século XVIII. A partir de então, a burguesia industrial inglesa começou a ver a Ásia como um mercado consumidor em potencial, levando sua **Companhia das Índias Orientais**, por meio do **monopólio comercial**, a praticamente ocupar toda a Índia. A burguesia inglesa também começou a investir na agricultura de *plantations* (monocultura em grandes propriedades) de algodão e juta, matérias-primas indispensáveis à indústria têxtil inglesa.

Outra importante região da Ásia para os ingleses foi a China, onde dedicaram-se principalmente ao comércio do **ópio**, um poderoso narcótico produzido na Índia, e de chá.

Ideologia imperialista

A principal justificativa ideológica para o neocolonialismo do século XIX foi a missão civilizadora das

grandes potências que tinham por obrigação difundir o progresso pelo mundo, defendendo a necessidade de submissão de “povos considerados inferiores”. Assim foi criado o mito da superioridade da civilização industrial do Ocidente, com base em ideias racistas para justificar a exploração brutal de diferentes povos, a partir de elementos como: **as características biológicas que comprovavam a superioridade da raça branca, a fé religiosa, o cristianismo como a verdadeira fé e o maior desenvolvimento técnico e científico.**

“É preciso dizer abertamente que as raças superiores têm direitos sobre as raças inferiores (...) porque têm um dever para com elas – o dever de civilizá-las.”

Jules Ferry, primeiro-ministro francês, em 1880

Na **América Central**, o domínio imperialista foi predominantemente norte-americano, estendendo-se para a América do Sul no início do século XX, quando passou a substituir as potências europeias.

Leitura Complementar

O Imperialismo não só deixou um sabor amargo onde se instalou, como também queimou como ácido e perfumou como enxofre três continentes. Chegou como um vendaval, destruindo sociedades milenares e construindo um mundo de angústias sobre as ruínas de milhões de seres humanos. Para o dinheiro não existem as barreiras emotivas, o sentimento nacional nem a dignidade da espécie. O dinheiro capitalista sobrevive quando se apossa do trabalho onde quer que ele exista, sem se importar que isso possa significar a destruição física ou psíquica do trabalhador.

Pode haver algo mais sutil, e ao mesmo tempo esmagador, como instrumento de dominação, que o desprezo social, quando o vencido está de joelhos? É a angústia do desprezo o que revela o seguinte texto procedente da Indochina:

“Aos vossos olhos, somos selvagens, animais obscuros, incapazes de distinguir entre o bem e o mal. Não somente vos recusais a nos tratar em pé de igualdade, como temeis até a nossa aproximação, como se fôssemos objetos de asco... nosso coração se enche de tristeza e de vergonha, quando à noite repassamos todas

as humilhações que sofremos durante o dia. Presos a uma máquina que mina nossa energia, estamos reduzidos à impotência. Por isso é que só os mendigos ousam apresentar-se nos escritórios dos franceses.”

Contudo, de tanto humilhá-los, explorá-los e asfixiá-los, os povos, até os mais humildes e desarmados, levantaram-se para resistir e lavar com sangue a condição e dignidade humanas. A maioria não disse amém quando o imperialismo chegou.

A conquista da Índia custou aos ingleses mais de cem anos de guerras, entre as quais, a mais violenta foi a dos cipayos que durou 15 meses (1857-58) e sublevoou toda a Índia.

A conquista da Argélia custou aos franceses 40 anos de guerras que exigiram a presença de um exército permanente de 100 mil soldados. Isto custou ao povo argelino um milhão e meio de mortos.

A conquista de Madagascar pelos franceses vitimou 100 mil pessoas.

Na África, onde o imperialismo encontrou culturas mais frágeis, a destruição pela guerra, pelo sistema de impostos em dinheiro, pelos trabalhos forçados e humilhantes, enfim, pelo sistema do capital, transformou-se em um genocídio.

...Povos da mesma origem e da mesma língua foram divididos e repartidos entre as grandes potências. Os que opuseram resistência foram massacrados... A modernização da África com a construção de portos, estradas e ferrovias, foi o cemitério de milhões de africanos.

Fonte: BRUNT, Héctor H. *O Imperialismo*. Coleção Discutindo a História. São Paulo: Atual, 1994.

Na verdade, tratava-se de uma forma de garantir sua influência e dominação sobre toda a América, principalmente sobre a América Central.

Em 1889, o governo dos Estados Unidos auxiliou Cuba em sua libertação da Espanha. Porém, mesmo independente, **Cuba** se transformou em um “país satélite” dos Estados Unidos.

Derrotados após a libertação de Cuba, os espanhóis foram obrigados a ceder aos norte-americanos os domínios de **Porto Rico** (Caribe) e **Filipinas** (Pacífico).

Em 1901, os norte-americanos apoiaram o movimento de emancipação política do **Panamá** em relação à Colômbia, consolidado em 1903. A partir daí, o domínio norte-americano sobre a **Zona do Canal do Panamá** tornou-se realidade, garantindo a hegemonia dos Estados Unidos sobre a América Central.

Os Estados Unidos interferiram ainda militarmente na República Dominicana, Nicarágua, Haiti, Honduras e outras regiões da América Central, garantindo sempre seus interesses econômicos.

Após o início do século XX, a força militar do imperialismo norte-americano foi substituída pela chamada “diplomacia do dólar”, que passava a utilizar a força econômica como nova força de dominação sobre os países mais pobres.

Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

A Alemanha, que viveu um processo de unificação tardio (1870), entrou atrasada na disputa pelas colônias africanas e asiáticas. Com o rápido desenvolvimento de sua indústria após a unificação, o estado germânico passou a pressionar a comunidade internacional no sentido de aumentar sua área de domínio.

As pretensões da Alemanha entravam em choque direto com os interesses da Inglaterra, criou-se então um clima de tensão entre as duas nações e ambas começaram a preparar-se para um conflito. O grande problema era a ascensão da Alemanha, que exigia o controle das fontes de abastecimento para alimentar uma população em crescimento, e de mercados consumidores para dar vazão a uma produção industrial gigantesca. A concorrência com a Inglaterra tornou-se inevitável.

Otto von Bismarck, chanceler da Alemanha de 1871 a 1890, montou um sistema de alianças que culminou em 1882 com o **Tratado da Tríplice Aliança**, reunindo Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália. Em oposi-

Expansionismo norte-americano

A **Doutrina Monroe** (a América para os americanos), de 1823, serviu de base ideológica para que os Estados Unidos se considerassem o “protetor” de toda a América. Adaptados pelo presidente Theodore Roosevelt para o contexto do século XX, os princípios dessa doutrina passaram a ser conhecidos como **Corolário Roosevelt**, inaugurando a política do *Big Stick* (grande porrete). Justificavam o uso da força nas intervenções norte-americanas sobre a América Latina, através de argumentos como “preservação da democracia”, “restabelecimento da ordem” ou “medidas humanitárias”.

ção a esse grupo formou-se no começo do século XX a **Tríplice Entente**, que unia Inglaterra, França e Rússia. A cada um desses grupos se agregaram outros países. A Itália se manteve neutra na guerra até 1915, mesmo aliada da Alemanha, mas acabou entrando no conflito ao lado da Tríplice Entente.

Leitura Complementar

Alguém faltou ao grande encontro

(...) A seu tempo, a Primeira Guerra se chamou "A Grande Guerra". Era a maior de todas, a guerra total, envolvendo todas as nações e, por isso mesmo, na visão otimista que se disseminou por um planeta que ainda não havia perdido a inocência, era "a guerra que haveria de terminar com todas as guerras". Não terminou, como se sabe e, por isso mesmo, ao término da guerra seguinte, ninguém ficou imaginando que aquela, sim, tinha sido a última. Pelo contrário, o mundo, escolado, ficou esperando pela Terceira. Esta seria, agora sem sombra de dúvida, a definitiva – mas não a definitiva no sentido que se imaginou a Primeira, porque o mundo finalmente tomara jeito e não guerrearía mais, e sim porque depois dela não sobraria nada...

Fonte: TOLEDO, Roberto Pompeu.
Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/150301/pompeu.html> >
Acesso em: 25 jun. 2010. Adaptado

Início da guerra

A disputa entre as potências levou a **fortes rivalidades** que intensificaram os sentimentos de **nacionalismo** e geraram uma **corrida armamentista**. O nacionalismo revestiu-se de variados matizes, mas geralmente foi utilizado como meio de **legitimação do Estado e dos governos**, como fator de unidade social e como forma de apoio ao imperialismo e ao colonialismo. O clima político militar na Europa tornou-se cada vez mais tenso. Todos preparavam-se para uma guerra eminente, esperando apenas que alguém desse o primeiro tiro e rompesse a "**paz armada**".

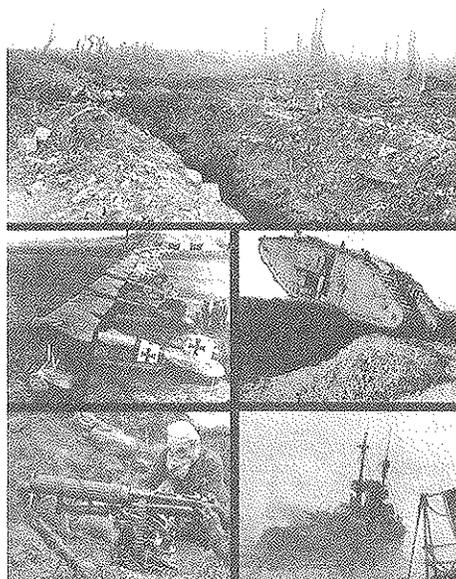
Em 28 de junho de 1914, Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austro-húngaro, visitava a província de Bósnia, tentando acalmar os ânimos nacionalistas eslavos, quando foi assassinado por um estudante sérvio, membro de uma organização nacionalista. Depois de uma série de exigências não cumpridas, a Áustria declarou guerra à Sérvia, que recebeu apoio da Rússia.

Imediatamente a Alemanha apoiou a Áustria, desencadeando a política de alianças que mergulhou a Europa em um conflito de grandes proporções.



Arquiduque Francisco Ferdinando

Guerra



De cima para baixo e da esquerda para a direita: Trincheiras na Frente Ocidental; o avião biplanador Albatros D.III; um tanque britânico Mark I cruzando uma trincheira; uma metralhadora automática comandada por um soldado com uma máscara de gás; o afundamento do navio de guerra Real HMS Irresistible após bater em uma mina.

Considerada a primeira guerra moderna, foi um conflito que durou de 1914 a 1918 e envolveu 35 países. De um lado, os aliados às chamadas **potências centrais** (Alemanha e Áustria-Hungria), e de outro, os aliados à **Entente** (Inglaterra, França e Rússia).

A princípio, o conflito caracterizou-se por uma **guerra de movimento**, mas, pelo equilíbrio de forças, estabeleceu-se uma fase de profunda imobilização marcada pelas **trincheiras**.

A Alemanha, aparentemente, foi o país mais preparado e disposto para a guerra, concentrando suas forças primeiramente na invasão da França. As **metralhadoras** e **fuzis automáticos** substituíram a batalha corpo a corpo das guerras até então e os alemães usaram ainda **gases venenosos**, que causavam muito sofrimento e mortes.

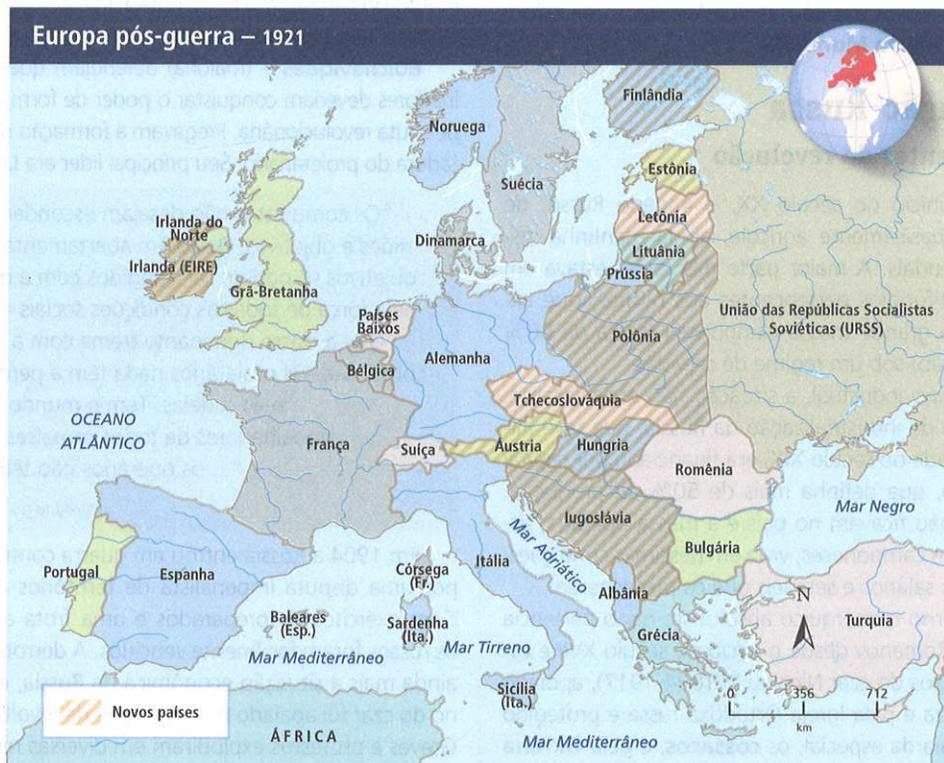
De acordo com seus interesses, outros países foram entrando no conflito, como o Japão (1914), a Itália (1915), a Romênia (1916) e a Grécia (1917), que ao lado da Inglaterra, da França e da Rússia formavam o **bloco dos aliados**. A Turquia (1914) e a Bulgária (1915) aliaram-se à Alemanha e ao Império Austro-Húngaro, constituindo o **bloco das potências centrais**.

A partir de 1917, a guerra tomou novos rumos com a utilização de **tanques** que conseguiam ultrapassar

as trincheiras, de **aviões** de bombardeio e dos **submarinos** alemães, que passaram a atacar navios mercantes norte-americanos fornecedores de suprimentos e armas para os aliados, provocando a **entrada dos Estados Unidos** na guerra. Além do contingente humano (três milhões de soldados), os norte-americanos trouxeram para a guerra toda sua tecnologia industrial bélica (navios, aviões, tanques e novas armas). A entrada dos Estados Unidos foi de extrema importância para os aliados, pois estes haviam perdido o apoio da **Rússia, que se retirou da guerra** após passar por uma revolução interna, que instaurou um governo socialista; e da Itália, invadida e neutralizada pelos austríacos. Com a ajuda norte-americana, os aliados impuseram sucessivas derrotas aos alemães.

A Alemanha não conseguia mais resistir, então o **Kaiser Guilherme II** renunciou ao trono e foi estabelecido um governo republicano. O novo governo alemão pediu rendição e, no dia 11 de novembro de 1918, assinou um acordo de paz – o **Armistício de Compiègne** – pondo fim à Primeira Guerra Mundial.

Consequências



Disponível em: <www.dean.usma.edu/history/web03/atlasses/WorldWarOne> Adaptado. Acesso em: 25 maio 2010.

Antes mesmo do fim do conflito, o presidente dos Estados Unidos havia proposto um plano de paz sem vencedores: os **14 pontos de Wilson**, porém os interesses e as pressões de franceses e ingleses inviabilizaram a proposta.

No início de 1919, as potências vencedoras reuniram-se na França e assinaram o **Tratado de Versalhes**. Por esse tratado, a Alemanha foi responsabilizada pela guerra, sendo obrigada a indenizar os países vencedores, limitar suas atividades industriais e militares, devolver a Alsácia e a Lorena à França, desocupar territórios poloneses e ceder à Polônia uma faixa de terra, dando-lhe acesso ao mar (corredor polonês), além de perder suas colônias na África. A economia alemã ficou arrasada.

Foi fundada a **Liga das Nações**, cujo objetivo era atuar como um fórum internacional para evitar futuros conflitos.

Pelo **Tratado de Saint-Germain** desmembrou-se o império austro-húngaro, criando-se vários estados independentes, entre eles a Tchecoslováquia, Polônia e Hungria. Na região da Sérvia, reuniu-se um conjunto de povos eslavos, que posteriormente formariam a Iugoslávia.

Os tratados de paz, que na realidade foram impostos aos países derrotados, penalizando-os, acabaram por semear várias das causas que levaram o mundo à **Segunda Guerra Mundial**.

Revolução Russa

Antecedentes da revolução

Até o início do século XX, o Império Russo, de economia basicamente agrícola, ainda mantinha instituições feudais. A maior parte das terras estava em grandes latifúndios pertencentes aos nobres, que exploravam a grande massa camponesa (cerca de 80% da população) sob um regime de servidão.

No campo industrial, a situação não era diferente. O processo de industrialização da Rússia, que teve início na metade do século XIX, era financiado por capital estrangeiro, que detinha mais de 50% da produção. Os lucros não ficavam no país e a massa operária, assim como os camponeses, vivia em péssimas condições, com baixos salários e sem leis que os protegessem.

O governo monárquico absolutista russo pertencia à dinastia Romanov desde o início do século XVII e estava nas mãos do czar Nicolau II (1894-1917), apoiado pela nobreza e pela Igreja Ortodoxa russa e protegido por uma guarda especial, os **coçacos**, e pela **Okrana** (polícia secreta).



Czar Nicolau II (s.d.), Ernest Lipgart.
Óleo sobre tela.

A situação dos operários e camponeses e o autoritarismo do governo czarista, tornaram o país vulnerável à divulgação das ideias socialistas de Karl Marx, propiciando a formação do primeiro partido socialista do país, **Partido Operário Social Democrata Russo** (POSDR), em 1889. Já em 1903, divergências entre os membros do partido, originaram sua divisão em dois grupos de tendências opostas:

Mencheviques – (minoridade) defendiam que os trabalhadores poderiam conquistar o poder estabelecendo alianças com a burguesia liberal.

Acreditavam que era necessário o pleno desenvolvimento do capitalismo para, então, iniciar a ação revolucionária dos trabalhadores.

Bolcheviques – (maioria) defendiam que os trabalhadores deveriam conquistar o poder de forma imediata pela luta revolucionária. Pregavam a formação de uma ditadura do proletariado. Seu principal líder era **Lenin**.

“Os comunistas não desejam esconder suas opiniões e objetivos. Declaram abertamente que seus objetivos só podem ser atingidos com a derrubada pela força de todas as condições sociais existentes.

Que a classe dominante tremam com a revolução comunista. Os proletários nada têm a perder, senão suas cadeias. Têm o mundo a ganhar.

Trabalhadores de todos os países uni-vos.”

“... os operários não têm pátria.”

Manifesto Comunista – 1848

Em 1904 a Rússia entrou em guerra contra o Japão por uma disputa imperialista de territórios da China. Com exércitos despreparados e uma frota antiquada, os russos foram facilmente vencidos. A derrota agravou ainda mais a situação econômica da Rússia, e o governo do czar foi abalado por uma série de revoltas sociais. Greves e protestos explodiram em diversas regiões, e a insatisfação tomou conta de operários e camponeses.

A primeira grande manifestação popular aconteceu em 22/01/1905, quando, de forma pacífica, a população, em frente ao palácio do governo, reivindicou melhores condições de vida. Esse episódio ficou conhecido como **Domingo Sangrento**, pois a manifestação foi violentamente reprimida, revoltando a população e desencadeando uma onda de protestos, greves e movimentos militares, como a rebelião do **Encouraçado Potemkin** (navio militar russo, cuja tripulação rebelou-se contra o autoritarismo do czar). Essa foi a **Revolução de 1905**, contida violentamente pelas tropas do czar, mas considerada precursora do movimento de 1917, pois foi no decorrer desses confrontos que surgiram os **soviets** (comitês de operários, soldados e camponeses rebeldes voltados a divulgar o pensamento socialista).

“Operários e camponeses da Rússia, vocês não estão sozinhos! Se conseguirem derrubar, esmagar e destruir os tiranos da Rússia feudal, policiada pelos senhores e czaristas, sua vitória servirá como sinal para uma luta mundial contra a tirania do capital.”

Lenin—1905

Diante da contínua pressão popular, o czar convocou a **Duma**, uma espécie de parlamento que atenuaria o caráter absolutista do governo, mas era apenas uma manobra política, pois os parlamentares nunca tiveram força de decisão.

Já completamente desgastada, a monarquia russa iniciou sua queda ao mergulhar o país na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Sem estrutura militar para enfrentar potências como a Alemanha e o Império Austro-Húngaro, as tropas russas sofreram sucessivas derrotas.

Revolução

Março de 1917 – fase burguesa

Um clima revolucionário tomou conta da população russa, milhares de manifestantes saíram às ruas gritando as palavras de ordem: “paz, terra e pão”.

O czar tentou reagir, mas a maior parte das tropas já não obedecia suas ordens. Soldados e operários ocuparam o palácio do governo em São Petersburgo e a revolução espalhou-se para o resto da Rússia, forçando a abdicação de Nicolau II.

Foi formado um governo provisório, cuja maioria dos membros era menchevique, pois nesse primeiro momento da revolução a participação dos bolcheviques foi limitada. Liderado inicialmente pelo príncipe

Lvov, rico proprietário de terras, e posteriormente por Kerensky, representante dos mencheviques, o novo governo adquiriu um caráter burguês, cujas decisões não correspondiam aos anseios da população e nem aos interesses dos soviets, gerando desentendimentos políticos.

Esses conflitos políticos, aliados ao agravamento da crise econômica e à insistência do governo em manter a Rússia na guerra, prepararam o caminho para a segunda fase da revolução.

Toda a nação passou a exigir o fim do governo provisório. Lenin, que havia retornado de seu exílio, apresentou ao partido bolchevista as suas “**teses de abril**”, propondo, entre outras reformas, a retirada da Rússia da guerra, a eliminação do governo provisório e “**todo o poder aos soviets**”.



Lenin conclamando o povo russo à revolução



Cartaz bolchevique no qual se lê a frase “Nós não queremos lutar, mas nós defenderemos os soviets”

Outubro de 1917 – fase socialista



Stalin, Lenin e Trotsky

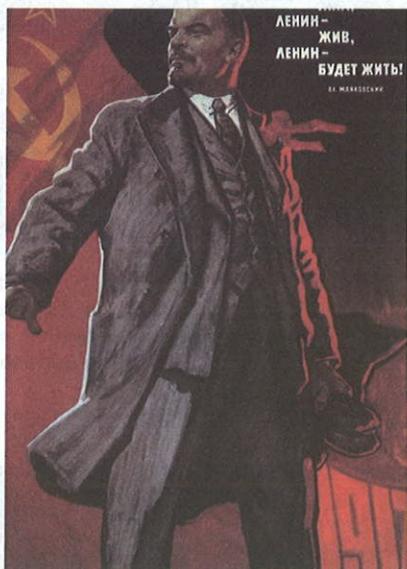
Reunido no comitê central do partido bolchevique, Lenin propôs o início imediato de uma nova revolução

para a derrubada do governo provisório. Os bolcheviques tomaram departamentos públicos e o palácio do governo, derrubando Kerensky. Para governar a Rússia, foi criado o **Conselho de Comissários do Povo**, cujo comando cabia a Lenin, auxiliado por Trotski e Stalin.

Governo de Lenin (1917-1924)

O novo governo retirou a Rússia da Primeira Guerra, e o partido bolchevique transformou-se em **Partido Comunista**. Lenin distribuiu terras e nacionalizou bancos, indústrias e estradas de ferro, mas teve que enfrentar uma guerra civil durante três anos. Os antigos colaboradores do czar, com o apoio de nações estrangeiras, formaram o chamado **Exército Branco**, com objetivo de derrubar o governo socialista, porém, este reagiu com o **Exército Vermelho**. Em julho de 1918, para conter a ação estrangeira, que pretendia libertar o czar, toda a família real foi executada.

Em 1922, com a situação política definida, após a derrota do Exército Branco, muitas províncias que haviam se separado da Rússia por ocasião da guerra civil voltaram a reintegrar-se, formando a **União das Repúblicas Socialistas Soviéticas** (URSS).



Lenin e a bandeira da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas criada em 1922

Para recuperar a economia russa, ainda mais arrastada pela guerra interna, Lenin criou a **Nova Política Econômica** (NEP), tentando conciliar uma economia estatizada e planejada com princípios capitalistas. Atividades agrícolas, mercantis e manufatureiras de pe-

queno porte foram estimuladas dentro dos princípios de economia de mercado, melhorando a produção e o abastecimento. Os recursos e o controle do governo foram dirigidos para setores fundamentais da economia, como produção de energia e de matérias-primas básicas.

Economicamente a **NEP** foi um sucesso para a Rússia, pois possibilitou o crescimento da produção agrícola, industrial e impulsionou o comércio.

Governo de Stalin (1924-1953)

Com a morte de Lenin em 1924, o governo passou a ser disputado por outros dois líderes revolucionários: **Trotski**, que defendia a expansão imediata da revolução socialista para outros países; e **Stalin**, que pretendia consolidar primeiramente o socialismo na Rússia e depois expandi-lo. Nessa disputa, Stalin saiu vitorioso, estabelecendo um governo forte e centralizado. De acordo com seus princípios, procurou exaltar o nacionalismo e o fortalecimento do socialismo internamente. A partir de 1928, a NEP foi suspensa e foram instaurados os **planos quinquenais**, que visavam desenvolver e modernizar o país por meio de todo "sangue, esforço, lágrimas e suor" do povo russo.

A chamada **Era Stalinista** industrializou o país, mas priorizou a indústria pesada, principalmente a produção bélica (após a Segunda Guerra), em detrimento da produção de bens de consumo. Essa política econômica (herdada por seus sucessores imediatos), aliada ao jogo de poder travado com os Estados Unidos durante a Guerra Fria, provocou a falência do sistema socialista soviético e a consequente desintegração política da URSS, a partir da década de 1980.



Fonte: World History Atlas. Dorlin Kindersley Limited. Adaptado. London, 2008.

Exercícios

01. A Segunda Revolução Industrial, em meados do século XIX, caracterizou-se pelo uso de novas tecnologias e fontes de energia, e por expandir o processo de industrialização por toda a Europa, Estados Unidos e Japão. Explique a relação existente entre esse processo de industrialização e o imperialismo dos séculos XIX e XX.

02. Explique como a “política de aliança” e a “paz armada” transformaram um incidente aparentemente isolado – o assassinato do herdeiro do trono da Áustria – em um conflito mundial.

03. Relacione a participação da Rússia na Primeira Guerra Mundial, com a deflagração da Revolução Russa de 1917.

Testes

01. (UEL-PR) A Conferência de Berlim (1885), presidida por Bismarck, visou a:

- a) estabelecer as bases da dominação espanhola no Saara.
- b) reconhecer o domínio francês sobre a Argélia.
- c) determinar as condições para a ação missionária da Companhia de Jesus na Ásia.
- d) estabelecer as regras da partilha da África pelas grandes potências.
- e) tornar independente o Estado Livre do Congo.

02. (PUC-SP) Do ponto de vista econômico, a expansão colonial europeia do século XIX para o continente asiático e africano está bastante relacionada:

- a) à ideia de romper com as reservas de mercado para produtos norte-americanos.
- b) à necessidade de novos mercados consumidores e novas fontes de matérias-primas.
- c) à escassez de produtos industrializados para atender às demandas internas de consumo.
- d) à imposição de altas taxas alfandegárias para os produtos europeus.
- e) à proposta inglesa de reduzir os investimentos em transportes marítimos.

03. (UECE) Assinale a alternativa correta:

- a) Após a Primeira Guerra Mundial, começou a Revolução Comunista, que derrubou o regime dos czares russos.
- b) O Império Alemão sobreviveu à Primeira Guerra Mundial.
- c) A liga das nações foi criada após a Primeira Guerra Mundial com a finalidade de manter a paz mundial.
- d) A Tríplice Aliança era formada por nações democráticas.

04. (UFRGS) Com o final da Primeira Guerra Mundial, o Tratado de Versalhes ocupou-se, principalmente:

- a) da criação de uma organização internacional destinada a garantir a paz: a Sociedade das Nações.
- b) dos problemas ligados ao reconhecimento do novo Estado surgido da Revolução Soviética.
- c) da regulamentação da paz com a Alemanha, incluindo a cessão de territórios, indenizações e desarmamento.
- d) do desmembramento do Império Austro-Húngaro, formando-se novos estados: Áustria, Tchecoslováquia, Iugoslávia e Hungria.

e) da reorganização das fronteiras das nações balcânicas, devido à desagregação dos impérios Turco e Austro-Húngaro.

05. (PUCCAMP-SP) A Revolução Russa de 1917 marcou o início de uma nova era na história da sociedade, na medida em que se constituiu:

- a) em um desafio concreto "à ordem burguesa e capitalista".
- b) em alternativa para superar a ação das multinacionais.
- c) na mistificação política da ditadura dos partidos.
- d) em uma aliança bem-sucedida entre a burguesia e o proletariado.
- e) na primeira experiência de um regime político autocrático.

06. (FUVEST-SP) Sobre a Revolução Russa de 1917 e seus desdobramentos, assinale a alternativa historicamente correta:

- a) O líder bolchevique, Kerenski, procurou impedir a ascensão de Leon Trotsky ao poder.
- b) A revolução estatizou os bancos e as indústrias, mas não alterou as relações sociais no campo.
- c) Lenin, seguindo fielmente o programa menchevique, liderou a Rússia até sua morte em 1924.
- d) A NEP, Nova Política Econômica, significou a total transferência de poder aos operários nas fábricas.
- e) Os planos quinquenais visaram à criação da indústria pesada e à coletivização da agricultura.

07. (UFCE) A Revolução Soviética teve várias fases em seu desenvolvimento, que se caracteriza da seguinte maneira:

- a) Em 1905, houve uma revolução popular vitoriosa que levou os soviets ao poder.
- b) Os bolchevistas assumiram o poder com a revolução de fevereiro de 1917 e implantaram o governo socialista.
- c) Com a subida de Kerenski ao posto de primeiro-ministro, deu-se a tomada do poder pelos bolchevistas.
- d) Em outubro de 1917, o partido bolchevista assumiu o poder e iniciou o regime soviético que vigorou até o fim da década de 1980.

Leitura Complementar

Fora de seu tempo

Há quem defenda a tese de que o século XX só começou com a guerra de 1914 a 1918

e a Revolução Russa de 1917. O atentado de Sarajevo, que marca simbolicamente o início da Primeira Guerra Mundial, demarcaria o começo da transição entre o velho e o novo século e a revolução bolchevique seria o ponto de corte. O conflito mundial redesenhou as fronteiras geopolíticas do mundo moderno. O armistício trouxe ao pódio das nações líderes os Estados Unidos, de onde sairiam, ao longo do século, para a posição de nação hegemônica do Ocidente. O movimento de 17 culminaria na formação da União Soviética, o outro polo hegemônico da ordem bipolar do século XX. Até esses eventos fundadores da nova ordem mundial, pontos de inflexão da história da humanidade, o século XX foi uma prolongação do século XIX.

Hoje está claro que o século XXI ainda é uma prolongação do século XX. Mas, como a história não se repete, vivemos uma circunstância inquietante, de regresso a um período particularmente nocivo do século passado: de agressividade imperialista por parte da nação hegemônica. O atentado às torres gêmeas, em 11 de setembro de 2001, pode ter sido o equivalente ao atentado de Sarajevo, demarcando a transição entre um século e outro, mas a resposta do governo Bush promoveu um lamentável regresso às doutrinas geopolíticas ultrapassadas dos anos 1960.

ABRANCHES, Sérgio. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/120303/em_foco.html> Acesso em: 28 jun. 2010.

Período entreguerras (1919 a 1938)

Crise econômica e regimes totalitários

A crise econômica gerada pela Primeira Guerra, e as crescentes manifestações socialistas inspiradas no êxito da Revolução Russa, levaram as lideranças burguesas de muitas nações a optarem por regimes políticos ditatoriais, como melhor forma de recuperarem-se economicamente sem correrem o risco de uma revolução popular. É nesse contexto que surgiram os chamados regimes totalitários, encabeçados pelo **nazismo alemão** e o **fascismo italiano**, marcando, de forma

violenta, o período entreguerras. Porém, alguns países procuraram sua recuperação econômica, mantendo-se sob um regime democrático, como a **França**, a **Inglaterra** e os **Estados Unidos**.

Estados Unidos e a Crise de 1929

Durante a Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos, sendo praticamente a única nação industrializada fora do continente europeu, região central dos conflitos, fornecia mercadorias aos aliados da Entente. Mesmo envolvendo-se na luta, os norte-americanos não tiveram seu território atingido e não precisaram interromper a sua produção, como aconteceu com alguns países europeus.

Ao final do conflito, as antigas potências europeias estavam com suas economias arruinadas. Até mesmo países vencedores, como a **França** e a **Inglaterra**, já não tinham mais o poder de outrora. Em contrapartida, os **Estados Unidos** despontavam como rico país industrializado e com potencial para continuar fornecendo mercadorias às nações europeias arrasadas, e para atender aos antigos mercados consumidores de produtos europeus, como os países da América Latina.

Os Estados Unidos passaram a ser o maior credor dos países europeus, pois, além de monopolizarem o comércio de produtos industrializados, os norte-americanos financiavam a reconstrução desses países.

Durante quase toda a década de 1920, os Estados Unidos viveram em plena euforia econômica, e passaram a divulgar para o mundo inteiro, principalmente através do cinema, o *American way of life* (estilo de vida americano), cujo principal objetivo era incentivar o consumo desenfreado dos produtos norte-americanos.

Porém, com a recuperação econômica da Europa, as exportações americanas diminuíram. Suas indústrias, no entanto, mantiveram o ritmo crescente de produção, o que resultou em uma **superprodução** industrial e agrícola que ultrapassou a necessidade de compra dos mercados interno e externo, levando o país a uma grande crise. Por fim, em outubro de 1929 ocorreu a queda vertiginosa de milhões de ações na bolsa de valores de Nova Iorque. As ações perderam praticamente todo o seu valor financeiro, e inúmeras empresas e bancos foram à falência, desempregando milhões de trabalhadores.

A partir desse momento instalou-se o completo caos nos Estados Unidos: 85 mil empresas e 4 mil bancos faliram, deixando aproximadamente doze milhões de trabalhadores desempregados. A economia norte-americana mergulhou em uma profunda depressão, a fome e o desemprego atingiram inúmeras famílias.



Multidão de clientes de bancos americanos unidos após a falência

Como os Estados Unidos haviam se tornado o centro da economia mundial e muitos países dependiam de seu consumo e de seus empréstimos, a crise irradiou-se para outros territórios, tornando-se mundial. Na Europa, sem os recursos financeiros norte-americanos e tendo que pagar suas dívidas, os países passaram por profunda crise econômica e social. O problema atingiu também a América Latina: no caso específico do Brasil, o principal produto da exportação, o café, deixou de ser vendido para seu principal comprador, os Estados Unidos, provocando um total desequilíbrio na nossa economia.

Em 1932, foi eleito um novo presidente para os Estados Unidos, o democrata **Franklin Roosevelt**, que iniciou um programa de recuperação econômica conhecido como **New Deal**. O programa de Roosevelt baseava-se na interferência direta do Estado na economia, até que esta conseguisse o equilíbrio necessário para a retomada do desenvolvimento do país. O governo investiu em obras públicas para gerar novos empregos, reduziu as taxas de juros e criou mecanismos para estimular o consumo. No final da década de 1930, a economia norte-americana já estava quase totalmente recuperada e, apesar da interferência do governo na economia, mantinha-se uma política governamental democrática.



Franklin Roosevelt

Infelizmente, outros países não conseguiram recuperar-se de forma democrática e passaram a apontar os governos liberais como causadores da crise econômica, preparando o caminho para a implantação dos **Regimes Totalitários**.

Regimes totalitários

A crise do capitalismo, gerada pela Primeira Guerra, agravou também os problemas enfrentados por diversos países da Europa e trouxe consequências desastrosas: desemprego, queda na produção, inflação e falências, que provocaram o aumento dos conflitos entre as classes sociais. Os governos democráticos mostravam-se impotentes perante a situação socioeconômica que envolvia a maioria da população. Nesse contexto, surgiram ideologias políticas oportunistas, que criticavam as democracias e defendiam o fortalecimento do poder executivo como única solução para o caos que havia se instalado.

As elites econômicas e a classe média passaram a apoiar as novas ideologias, que defendiam a formação de governos fortes e autoritários (totalitários), capazes de restaurar a ordem e de conter as crescentes manifestações operárias (de inspiração socialista).

Essas **ideologias totalitárias** baseavam-se nos seguintes princípios:

- **Autoritarismo:** Centralização do poder executivo, supressão do poder legislativo, estabelecimento da censura em todos os setores e o uso da violência para conter a oposição.
- **Unipartidarismo:** Cada nação deve possuir apenas um partido político, o partido do governo.
- **Militarismo:** O poder bélico engrandece o homem e fortalece a nação.
- **Nacionalismo:** Tudo deve ser feito em favor do país, a vontade pessoal deve submeter-se à vontade nacional.
- **Anticomunismo:** Responsabilizavam o comunismo pela desordem reinante nos países.

Dentre os regimes totalitários surgidos na Europa, entre as décadas de 1920 e 1930, destacaram-se o **nazismo** e o **fascismo**.

Fascismo na Itália

Ao final da Primeira Guerra Mundial, a Itália estava ao lado das nações vencedoras, mas nada havia lucrado com a vitória. Isso gerou uma enorme desilusão no país, agravada pela crise econômica que afetava a maioria das nações europeias. O desemprego, o atraso

industrial e o aumento da dívida externa, completavam o quadro negativo que atingia o país, despertando na população italiana o desejo de mudança.

Iniciou-se uma fase de numerosas manifestações populares, greves e pilhagens no comércio, assustando a elite dominante, pois o governo não conseguia controlar a situação.



Benito Mussolini

Em meio a toda essa crise, surgiu **Benito Mussolini**, fundador do **Partido Fascista Italiano**, que pregava a necessidade de um governo ditatorial para eliminar os problemas sociais. Os fascistas criaram uma milícia armada conhecida como os **camisas negras**, que combatiam violentamente os adversários, principalmente os comunistas. Com essa prática, eles conseguiam conter as diversas manifestações operárias e ganhavam o apoio da classe média e da elite econômica do país.

Fortalecidos e aproveitando-se do momento de fragilidade do governo, os fascistas, liderados por Mussolini, organizaram, em 1922, uma grande **Marcha sobre Roma**, ocasião em que, aproximadamente, 50 mil soldados ocuparam a capital, exigindo o poder. Pressionado, o rei Vítor Emanuel III demitiu o seu primeiro-ministro e convidou Mussolini para assumir o cargo.

No início de 1925, Mussolini deu um golpe de Estado e implantou o regime ditatorial fascista, tornando-se o chefe supremo da Itália, com o título de **"Duce"** (aquele que dirige).

Divulgando palavras de ordem como "Acredite, obedeça e lute" ou "Mussolini tem sempre razão", o Duce governou com mãos de ferro. Apesar disso, os fascistas elaboraram a **Carta do Trabalho** (*Carta del Lavoro*), uma legislação trabalhista que, de certa forma, apresentava avanços sociais para a classe trabalhadora.

Mussolini criou ainda uma poderosa máquina de propaganda e empenhou-se na organização do ensino

público, como meio de transmitir a doutrina fascista à sociedade. Os professores juravam fidelidade ao governo e os alunos vestiam-se com uniformes fascistas, em cerimônias especiais. O objetivo da educação era manter a juventude submissa ao Estado.

Em 1929, Mussolini solucionou a antiga questão romana, entre a Igreja Católica e o Estado Italiano. Pelo **Tratado de Latrão**, o papa Pio XI reconhecia a soberania do Estado Italiano e Mussolini aceitava a independência do minúsculo **Estado do Vaticano**. A partir daí, o catolicismo foi instituído como a religião oficial da Itália e o governo ganhou o apoio do clero.

Nazismo na Alemanha

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha passou a chamar-se República de Weimar (1918-1933), e foi marcada por grave crise socioeconômica.

A crise alemã pode ser comparada à crise italiana, porém, na Alemanha a situação se tornou muito mais grave. Responsabilizados pela Primeira Guerra Mundial e penalizados pelo Tratado de Versalhes, os alemães tiveram que assumir a dívida da guerra e pagar indenizações às potências vencedoras. A economia ficou arrasada, as taxas de desemprego eram altíssimas e a sociedade apresentava-se completamente desestruturada. Além disso, a derrota na guerra e as humilhações impostas pelo Tratado de Versalhes deixaram o orgulho nacional alemão extremamente abalado.

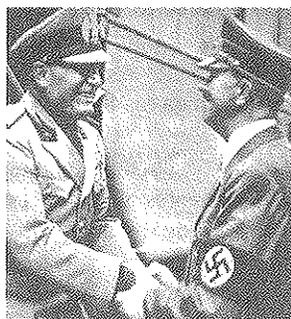
Toda essa situação desencadeou um intenso processo de lutas de classe. Inspirados no exemplo da Revolução Russa, os operários alemães organizavam greves e manifestações de protestos.

Em contraposição, surgiu em Munique (1919) um grupo político com propostas totalitárias, nos moldes do fascismo italiano. O novo partido passou a se chamar **Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães**, mais tarde transformado em **Partido Nazista** e liderado por **Adolf Hitler**. Assim como os “camisas negras” dos fascistas italianos, os nazistas também atuavam contra seus opositores com grupos denominados de tropas de assalto (SA) ou “camisas pardas”.

Em 1923, os nazistas tentaram um golpe de Estado para derrubar a República de Weimar. Conhecido com o **Putsch de Munique** ou **Golpe da Cervejaria**, esse levante foi abafado e Hitler foi preso. Na prisão, o líder nazista escreveu o livro **Mein Kampf** (*Minha Luta*), no qual estabeleceu os fundamentos básicos do nazismo: pregava a luta contra os judeus e comunistas, responsabilizando-os pela miséria da Alemanha; defendia a superioridade da raça ariana, o nacionalismo, a necessidade

de um governo totalitário e a expansão territorial, que levasse a Alemanha a conquistar o “espaço vital”, ou seja, o território necessário para seu desenvolvimento.

Em 1933 o presidente Hindenburg indicou **Adolf Hitler** para **primeiro-ministro** (chanceler). A partir daí, os nazistas criaram condições para que Hitler assumisse o poder do país. Então, em 1933, com a morte do presidente Hindenburg, ele tornou-se líder do governo alemão com o título de **Führer**, voltando-se à criação do **Terceiro Reich** (Império).



Mussolini e Hitler

A ditadura nazista passou a ser mantida por um violento aparato policial formado pela antiga tropa de choque, a **SA**, por uma tropa de elite, a **SS**, e pela polícia secreta, a **Gestapo**.

No campo econômico, o governo nazista incentivou a agricultura, a indústria de base (ferro, aço, etc.) e a indústria bélica, desrespeitando as imposições do Tratado de Versalhes. Foram iniciadas grandes obras públicas (rodovias, ferrovias e infraestrutura urbana) com o objetivo de absorver mão de obra, mas também com intuítos estratégicos, como o deslocamento de tropas numa possível guerra, já que a intenção de Hitler era expandir o território.

A partir de 1938, a violência cresceu contra os judeus (antisemitismo) e ciganos, que passaram a sofrer toda sorte de humilhações, e muitos acabaram prisioneiros em campos de **concentração**.



Discriminação e perseguição aos judeus

Perseguição e extermínio de judeus

Em 1933, nos seus primeiros meses de poder, o nazismo decretou o boicote aos negócios e aos profissionais judeus, que passaram a ser vistos como causadores da decadência alemã e todos seus males sociais.

Em setembro de 1935, foram decretadas as *Leis de Nuremberg*, através das quais os judeus deixaram de ser considerados cidadãos alemães. Foram proibidos casamentos entre judeus e arianos. Todo alemão que tivesse um bisavô de origem judaica passou a ser considerado infectado e, portanto, não ariano.

Em novembro de 1938, foram destruídos todos os prédios judaicos nas cidades alemãs. Sinagogas, clubes, escolas e sociedades judaicas foram quebradas, queimadas e pilhadas.

Os judeus foram confinados em guetos, que eram antigos bairros já existentes nas cidades desde a Idade Média, com o objetivo de serem isolados e eliminados por fome, pestes e epidemias.

Os nazistas aproveitaram os judeus como mão de obra escrava nas indústrias, principalmente de material militar, e leis obrigavam os judeus a levar em sua roupa um sinal (distintivo) de cor amarela, com uma estrela de seis pontas, com a inscrição "judeu".

Mantendo alguns serviços básicos no gueto, como atividades escolares para as crianças, os judeus conseguiram organizar uma resistência passiva às terríveis condições que lhes eram impostas. Inúmeros judeus se dedicaram ao "contrabando", a fim de manter algum comércio e a possibilidade de conseguir alimentos (trocavam tudo, inclusive pertences pessoais).

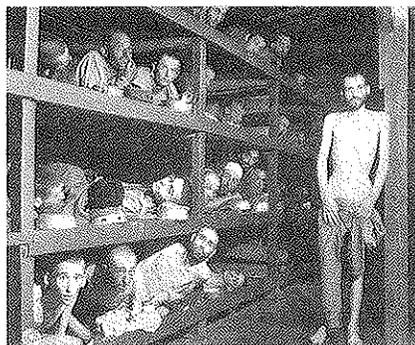
Diante da aceleração das deportações para os campos de concentração e extermínio, houve revolta em muitos guetos, principalmente por parte dos jovens judeus que não concordavam com a acomodação de seus dirigentes. A mais notável foi a Revolta do Gueto de Varsóvia, em abril de 1943.

Especialmente na Polônia e na Alemanha foram criados campos de concentração para os quais eram enviados judeus de toda a Europa conquistada. Muitos morriam durante a viagem nos vagões dos trens, sem ventilação, sanitários, água e alimentos.

Os que chegavam aos campos eram selecionados. Aqueles que podiam trabalhar eram enviados para as equipes de trabalho forçado. Os considerados sem condições, na maioria velhos e crianças, eram enviados para os campos de extermínio onde eram mortos nas câmaras de gás e depois queimados nos fornos crematórios.

Nações como a França e a Inglaterra, responsáveis pela manutenção da paz após a Primeira Guerra, mos-

travam-se passivas diante da ameaça alemã, mesmo quando Hitler apoiou as tropas do general Franco na **Guerra Civil espanhola** ou invadiu a **Áustria** e a **Tchecoslováquia**.

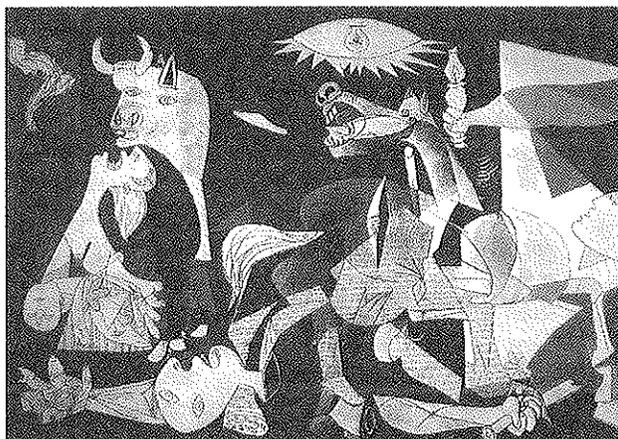


Alojamento nos campos de concentração

Portugal e Espanha

A ideologia nazifascista repercutiu em diversas partes do mundo. Em **Portugal**, **Antônio de Oliveira Salazar** implantou uma ditadura totalitária, que vigorou no país de 1933 a 1968.

Em 1936, o general **Francisco Franco**, apoiado pela burguesia conservadora, deu início à violenta **Guerra Civil Espanhola**, combatendo o governo republicano. Com a ajuda de italianos e alemães, os franquistas venceram o conflito em 1939 e instalaram uma ditadura totalitária na **Espanha** que se prolongou até 1976. A violência da guerra civil na Espanha foi denunciada pelo pintor espanhol Pablo Picasso, em sua obra *Guernica*. Pequena aldeia espanhola, Guernica foi totalmente destruída pelos bombardeios da aviação de guerra nazista, que apoiavam o general Franco.



Guernica (1937), Pablo Picasso. Óleo sobre tela.

Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945)

As raízes da Segunda Guerra Mundial podem ser identificadas nos tratados de paz assinados no final da Primeira Guerra e na crise econômica do período pós-guerra. O Tratado de Versalhes, elaborado pelos países vencedores (Estados Unidos, Grã-bretanha e França), estabelecia duras penas às nações derrotadas. As cláusulas desse tratado eram humilhantes e feriam profundamente a soberania dos países submetidos a ele, principalmente a Alemanha, que foi considerada responsável pelo primeiro conflito.

Foi nesse contexto que, com governos fortes e autoritários, Alemanha, Itália e Japão conseguiram promover sua recuperação econômica e desenvolvimento militar após a Crise de 29, e dispostos a romper a ordem internacional adotaram já na década de 1930 uma política externa **agressiva**.

O **Japão** invadiu a Manchúria (China) em 1931. A Itália, apesar de ter pertencido ao grupo de países vencedores da Primeira Guerra, estava descontente com a atitude de seus aliados, pois não obteve os benefícios territoriais desejados e, em 1935, conquistou a Etiópia (África). Por sua vez, a **Alemanha**, desobedecendo ao Tratado de Versalhes, já havia se militarizado e, em 1936, ocupou a Renânia, região alemã sob ocupação francesa desde o final da Primeira Guerra.

A **Liga das Nações**, criada em 1920 por uma proposta do presidente norte-americano Wilson, com o objetivo de manter a paz mundial, liderada pela França e Inglaterra, pôs em prática uma “política de apaziguamento”, condenando as invasões, mas apenas advertindo os três países invasores. Essa política era justificada como forma de se evitar um conflito maior, porém havia outros interesses. Os países da Liga das Nações não foram diretamente afetados pelas invasões e procuraram manter a paz com a Alemanha, pois esta era um verdadeiro escudo de proteção que separava o resto da Europa da ameaça comunista da URSS, já que o nazismo combatia o comunismo.

Em novembro de 1936, ameaçado pelos soviéticos em suas conquistas na Ásia, o Japão assinou com a Alemanha o **Pacto Antikomintern** (anticomunista), contra a União Soviética. No ano seguinte, a Itália, já aliada a Hitler na Guerra Civil espanhola, aderiu ao pacto, dando origem ao chamado grupo do **Eixo Roma-Berlim-Tóquio**.

Os líderes das Potências do Eixo foram:

- **Adolf Hitler**, o Führer (o chefe) – da Alemanha;
- **Benito Mussolini**, o Duce – da Itália;
- **Imperador Hiroito** – do Japão.

Sem freios para suas ambições imperialistas, as nações totalitárias continuaram suas conquistas. Alegando a necessidade de unir os povos de origem germânica, os alemães invadiram e anexaram a **Áustria** (Anschluss) em 1938, que não ofereceu resistência. Em seguida, voltaram-se para a conquista dos **Sudetos**, região que havia sido tirada da Alemanha para compor a **Tchecoslováquia**.

Com o propósito de uma solução diplomática, reuniram-se na **Conferência de Munique** (29/09/1938) Hitler, Mussolini e representantes da Inglaterra e da França, Chamberlain e Deladier. Esses países firmaram um acordo, pelo qual entregavam os Sudetos à Alemanha e em troca Hitler comprometia-se a cessar seus interesses expansionistas e a resolver os problemas internacionais de forma diplomática. Aparentemente a paz estava selada, porém a tranquilidade durou pouco, pois em 1939, os alemães invadiram e conquistaram o resto da Tchecoslováquia.

O próximo alvo, também em 1939, após firmar um pacto de não agressão com a União Soviética (**Pacto Germano-Soviético**), foi a invasão da Polônia. Dois dias depois, sem ter outro caminho diplomático possível, Inglaterra e França declararam guerra à Alemanha, iniciando a guerra na Europa.

Início do conflito

Ao contrário da guerra de trincheiras de 1914, a Segunda Guerra foi marcada pelo movimento, com rápidos deslocamentos de tropas e veículos. Os alemães desenvolveram a chamada guerra-relâmpago (Blitzkrieg), em que havia um ataque rápido de tanques (Panzers) apoiados pela aviação (**Luftwaffe**) e seguidos por tropas de ocupação, que consolidavam a vitória.

A partir de 1940, sucessivamente foram invadidas Dinamarca, Noruega, Bélgica e Holanda. As tropas aliadas formadas por ingleses, franceses e belgas, tentaram resistir sem sucesso e foram empurradas para fora do continente, na chamada **Retirada do Dunquerque** (cidade portuária ao norte da França).

A França foi dominada e obrigada a assinar um armistício (acordo de paz) pelo qual Paris e todo o norte do território ficariam sob controle alemão, enquanto o sul teria um governo francês colaboracionista representado pelo marechal Pétain, com capital na cidade de **Vichy**.

A **Inglaterra**, violentamente bombardeada dia e noite, resistiu aos ataques nazistas. Entre 1940 e 1941 a aviação inglesa, **Real Air Force (RAF)**, conseguiu rechaçar os ataques da **Luftwaffe** alemã. Entretanto no norte da África, tropas alemãs comandadas pelo general **Rommel**, obtiveram vitórias sobre os ingleses, ameaçando o domínio britânico sobre o Egito.

Guerra torna-se mundial

Em 1941, confiante de que conseguiria uma rápida vitória, Hitler quebrou o pacto de não agressão e invadiu a União Soviética, colocando-a na guerra. E em outra frente de batalha, também em 1941, os japoneses atacaram **Pearl Harbor**, uma das maiores bases navais norte-americanas no sul do Pacífico, provocando, por sua vez, a entrada dos Estados Unidos na guerra.

A Segunda Guerra Mundial envolveu povos de várias regiões, num total de 58 países, apesar de suas principais batalhas terem sido travadas na Europa, norte da África e Pacífico sul.

Os principais líderes aliados contra as **Potências do Eixo** foram:

- **Winston Churchill**, primeiro-ministro inglês;
- **Franklin Roosevelt**, presidente dos Estados Unidos;
- **Josef Stalin**, líder soviético;
- **General de Gaule** – líder da resistência francesa.

No Brasil, Getúlio Vargas era o presidente durante a chamada Ditadura do Estado Novo.

Aliados começam a vencer

Com supremacia, as Potências do Eixo dominaram o conflito até o início de 1942, quando, finalmente, começaram a sofrer suas primeiras derrotas. Depois de acirrada luta contra os soviéticos, os alemães foram violentamente derrotados pelas tropas de Stalin, na épica **Batalha de Stalingrado**. O contra-ataque soviético continuou até 1944, conquistando diversos países dominados pela Alemanha: Romênia, Hungria, Bulgária e Finlândia.



Batalha de Stalingrado

O mito da invencibilidade alemã caía por terra e os aliados passaram a ganhar várias batalhas, tanto marítimas como aéreas. A partir de 1943, a Alemanha passou a ser intensamente bombardeada e seus recursos industriais seriamente afetados. Tropas anglo-americanas derrotaram os alemães e italianos no norte da África e, posteriormente, invadiram o sul da Itália, porém os alemães ainda se mantinham no norte.

Em julho de 1943, a Itália foi o primeiro dos países das Potências do Eixo a ser derrotado. Mussolini foi capturado por tropas de resistência italianas e executado pelos seus próprios conterrâneos, tendo seu corpo pendurado em uma praça de Milão.

Dia D

Em junho de 1944, tropas aliadas reunidas na Inglaterra desembarcaram nas praias da Normandia (no norte da França) com a mais poderosa força de invasão, com o objetivo de um encontro das forças ocidentais com as soviéticas para o golpe final contra os nazistas.

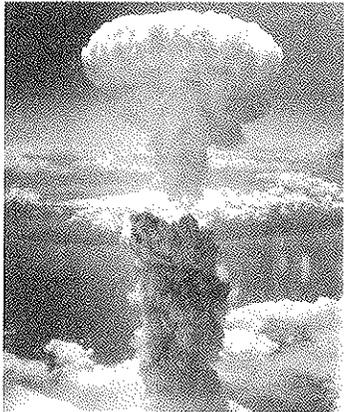


Desembarque na Normandia ao norte da França

A Alemanha foi cercada por todos os lados, os soviéticos foram os primeiros a entrar em Berlim. Presionado, Hitler suicidou-se juntamente com Eva Braun, sua mulher. Finalmente, no dia 8 de maio de 1945 (**Dia da Vitória na Europa**), a Alemanha rendeu-se incondicionalmente.

Porém, o conflito ainda continuou no Pacífico. Os japoneses já vinham sofrendo derrotas desde 1942, principalmente depois da batalha de Midway. Os aliados apertavam o cerco e bombardeavam pesadamente as cidades industriais japonesas, que continuavam a resistir. O golpe definitivo foram as bombas nucleares norte-americanas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki, obrigando o Japão a assinar rendição em 19 de agosto de 1945. Estava definitivamente terminada a Segunda Guerra Mundial, deixando um saldo devastador para os países envolvidos: 55 milhões de mortos,

35 milhões de feridos, 20 milhões de órfãos, 190 milhões de refugiados e aproximadamente 6 milhões de judeus barbaramente exterminados pelos nazistas.



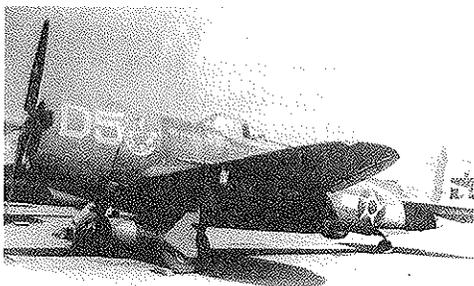
Bomba nuclear em Nagasaki

Brasil na Segunda Guerra

O Brasil manteve-se fora da guerra durante a maior parte do conflito. O governo autoritário de Getúlio Vargas tinha muita simpatia pelos alemães e seus aliados italianos e japoneses, e procurou manter-se em posição de neutralidade, buscando tirar vantagens econômicas do conflito.

Em 31 de agosto de 1942, Getúlio declarou guerra às Potências do Eixo e, em troca, conseguiu um financiamento dos Estados Unidos para a construção da Usina Siderúrgica de Volta Redonda. Entre fevereiro e agosto de 1942, submarinos alemães teriam torpedeado e afundado nove navios brasileiros, matando seiscentas pessoas.

Em 1944, partiram para a guerra as primeiras tropas da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Mais de vinte e cinco mil soldados brasileiros participaram de diversas batalhas na Itália. Entre as mais importantes: a conquista de Monte Castelo, em fevereiro de 1945; a tomada de Montese, em abril de 1945.



Participação da Força Aérea Brasileira na Segunda Guerra Mundial

Consequências da guerra

A Alemanha foi dividida em duas partes: **Alemanha Oriental**, de orientação comunista sob o domínio da URSS, e a **Alemanha Ocidental**, capitalista.

Estados Unidos e União Soviética despontaram como grandes potências econômicas e militares, porém, suas diferenças ideológicas (capitalismo x socialismo) fizeram com que ficassem em lados opostos. Essa situação provocou bipolarização do mundo, gerando um clima de tensão e disputas, conhecido como **Guerra Fria**, marcando as relações internacionais até por volta de 1990.

Em junho de 1945 foi criada a **Organização das Nações Unidas (ONU)**, quando representantes de 51 países firmaram seus princípios básicos:

- manter a paz e a segurança internacional;
- desenvolver relações amistosas entre as nações;
- realizar a cooperação internacional para resolver os problemas internacionais de caráter econômico, social, cultural e humanitário, promovendo o respeito aos **direitos humanos** e às **liberdades fundamentais**.

Com base em uma resolução da ONU, o líder judeu Davi Bem Gurion proclamou, em novembro de 1948, a criação de um estado judeu na Palestina, o **Estado de Israel**. A partir dessa data, milhares de judeus de todas as partes do mundo migraram para a Palestina.

Descolonização dos países da **África** e **Ásia** que integravam os impérios coloniais europeus foram, pouco a pouco, conquistando a independência, principalmente devido ao enfraquecimento econômico dos países dominantes, por causa do conflito mundial.

Exercício

04. Explique a relação existente entre a crise econômica do período entreguerras e a ascensão dos regimes totalitários na Europa.

Testes

08. (CESGRANRIO-RJ) O entreguerras (1918-1939) pode ser considerado, no seu conjunto, como um período de crises econômicas. Assinale a opção que expressa corretamente um problema relacionado às conjunturas desse período.

a) A rápida recuperação da produção europeia foi impulsionada pelos novos mercados abertos pela expansão colonial.

b) A crise alemã de 1924 representou um desdobramento da decadência da economia nos Estados Unidos, o principal credor econômico do mundo.

c) A crise de 1929, iniciada nos Estados Unidos, propagou-se rapidamente pelos países capitalistas, cujas economias estavam em interdependência com a norte-americana.

d) Os desajustes da economia mundial tiveram como principal causa o abalo provocado pela Revolução Russa.

e) A reconversão foi caracterizada pela expansão da industrialização, em escala mundial, principalmente em economias periféricas.

09. (UFOD-MG) O elo que liga a Guerra de 1914-1918 à crise econômica iniciada com o *crack* da Bolsa de Nova York, em 1929, pode ser expresso da seguinte maneira:

a) Os EUA entraram em crise de produção e começaram a baixar perigosamente os índices de sua economia após a Europa, recuperada da guerra, ter-se erguido economicamente e voltado a controlar os mercados mundiais.

b) O sucesso da Revolução Russa na década de vinte provocou uma retração das exportações americanas para a Europa, pois os Estados Unidos tinham receio que os "planos quinquenais" soviéticos fossem adotados pelos países da Europa ocidental.

c) A economia norte-americana, em expansão, não suportou a desorganização dos mercados europeus que ainda sofriam a retração da produção, da falta de mão de obra e do consumo durante a década de vinte.

d) O governo dos EUA, excessivamente preocupado em promover as economias europeias, desviou as aplicações em sua própria economia e investiu maciçamente na Europa, desorganizando a economia norte-americana na década de vinte.

e) A França, a Inglaterra e a Alemanha, criaram um mercado comum na década de vinte para fazer frente ao crescimento econômico norte-ameri-

cano, fato que abalou profundamente a produção agroindustrial dos EUA no período.

10. (UFMG) Todas as alternativas contêm traços comuns à Alemanha Nazista e à Itália de Mussolini, exceto:

a) A exaltação dos valores da vida militar, da vida gregária das casernas e das hierarquias.

b) A glorificação do passado glorioso e dos laços de sangue.

c) A tranquilidade parlamentar, as virtudes congressuais e a alternância de partidos no poder.

d) O entendimento da democracia como fraqueza da tradição judaico-cristã.

e) O rei, Deus, e o chefe aparecem absolutos, autossuficientes.

11. (FUVEST-SP) Em seu famoso painel *Guernica*, Picasso registrou a trágica destruição dessa cidade basca por:

a) Ataque de tropas nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.

b) Republicanos espanhóis apoiados pela União Soviética durante a Guerra Civil.

c) Forças do exército francês durante a Primeira Guerra Mundial.

d) Tropas do governo espanhol para sufocar a revolta dos separatistas bascos.

e) Bombardeiro da aviação alemã em apoio ao general franco contra os republicanos.

12. (UFV-MG) Os países chamados "do Eixo", durante a Segunda Guerra Mundial, eram:

a) França, Holanda e Bélgica.

b) Alemanha, Rússia e Itália.

c) Estados Unidos, França e Inglaterra.

d) Alemanha, Itália e Japão.

e) Alemanha, França e Inglaterra.

13. (FMRP-SP) A Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945), a partir de 7 de dezembro de 1941, adquire um caráter mundial quando os:

a) russos tomam a iniciativa de anexar os territórios dos Estados bálticos;

b) alemães invadem a região mediterrânea da África;

c) japoneses atacam a base norte-americana de Pearl Harbor;

d) franceses, por determinação de Pétain, ocupam o sudeste da Ásia;

e) chineses cedem a maior parte do seu território às tropas do Eixo.

14. (UFPR) A Segunda Guerra Mundial alterou a correlação de forças no mundo. Entre as modificações ocorridas, destacam-se:

01) O declínio da influência europeia, cuja hegemonia já havia sido comprometida desde a Primeira Guerra Mundial.

02) A ascensão dos Estados Unidos e da União Soviética, liderando blocos de interesses divergentes e originando a chamada "bipolarização" do mundo.

04) Após a Segunda Guerra Mundial e até recentemente, nenhuma potência europeia ou os Estados Unidos participaram de qualquer conflito bélico.

08) Após a guerra – e por causa dela – houve intensificação das manifestações anticolonialistas, acelerando-se o processo de descolonização das colônias europeias na África e na Ásia.

16) O final da Segunda Guerra Mundial decretou o desaparecimento dos estados autoritários, reorganizando-se o mundo em bases inteiramente democráticas.

32) Como tentativa de resolver os problemas internacionais, criou-se, em 1945, a Organização das Nações Unidas (ONU).

15. A respeito da atuação do Brasil no contexto da Segunda Guerra Mundial, é correto afirmar:

a) O governo brasileiro recebeu dos Estados Unidos ajuda técnica e financeira para a construção da Usina Siderúrgica de Volta Redonda.

b) O governo brasileiro, mesmo com a eclosão do conflito, continuou mantendo relações apenas com os aliados.

c) O governo brasileiro recusou-se a enviar tropas durante todo o conflito.

d) Nas conferências em favor da paz, antes do início do conflito, o Brasil exigiu a indenização da Alemanha por seus navios afundados.

e) A ditadura de Vargas favoreceu as relações com a Alemanha mesmo durante sua participação na Europa.

Respostas

Exercício 01: A Segunda Revolução Industrial provocou uma maior competição comercial, já que atingia muitos países. A postura protecionista desses países, a falta de matéria-prima e de locais para se expandir o capital acumulado, levou a nações industrializadas europeias a dominarem territórios e povos em regiões não industrializadas.

Exercício 02: Se não houvesse alianças, quando a Áustria invadiu a Sérvia, provavelmente o conflito teria terminado aí, porém, a Alemanha, aliada da Áustria, envolveu-se no conflito. A Rússia, que defendia a Sérvia, também recebeu apoio de seus aliados: Inglaterra e França. O fato dessas alianças estarem fortemente armadas, até então para garantir a paz, estimulou o conflito de 1914, que teve repercussão mundial.

Exercício 03: A crise econômica na qual passava a Rússia, em função de um regime monárquico absolutista, apoiado por uma nobreza latifundiária privilegiada, agravou-se com a entrada do país na guerra. Os gastos, as sucessivas derrotas e a transformação de camponeses em soldados, pioravam a situação de miséria em que vivia o povo, causando inúmeras manifestações populares. O poder do Czar enfraquecia a cada dia, a ponto de perder até mesmo a proteção de suas tropas, o que o levou a abdicar, dando lugar à instalação dos governos revolucionários.

Exercício 04: A crise econômica gerada pela Primeira Guerra Mundial e posteriormente pela quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, gerou desemprego e empobreceu a população europeia. O sucesso da Revolução Socialista na Rússia servia de exemplo para as manifestações operárias e para o surgimento de partidos políticos de esquerda, que buscavam solução para a crise e tinham apoio da população pobre. Os governos democráticos não foram eficientes em conter a crise e os crescentes problemas sociais. Por isso, o surgimento de partidos políticos que defendiam a ordem social e a manutenção do capitalismo, como o Partido Fascista Italiano e o Partido Nazista Alemão, foram a salvação para as elites dominantes europeias, que temiam perder seus privilégios, como havia acontecido com a burguesia na Rússia.

Gabarito

01) D 02) B 03) C 04) C 05) A 06) E
07) D 08) C 09) A 10) C 11) A 12) D
13) C 14) * 15) A

*14. 43 (01, 02, 08 e 32)

Sumário

História **6**^E

**Período da Guerra Fria –
Estados Unidos x
União Soviética** 3

Bipolarização 3
Planos econômicos 4
Pactos militares e rivalidade 4
As guerras da Coreia e do Vietnã 5
Afeganistão – O “Vietnã Soviético” 6
Revolução Cubana 6
A América Latina na Guerra Fria 7

**Descolonização da África
e da Ásia** 8
África 8
Índia 8
China e a Revolução Socialista 9
África do Sul 9

Oriente Médio 9

Conflito árabe-israelense 9
Guerra Irã-Iraque 10

**Desestruturação e queda
da União Soviética** 13
Reunificação da Alemanha 14
O terrorismo no Oriente 14

História

Período da Guerra Fria – Estados Unidos x União Soviética



Fotolia

Bipolarização

Após a Segunda Guerra Mundial, a Europa ocidental perdeu sua posição de liderança internacional. Seu lugar foi ocupado pelos **Estados Unidos** e **União Soviética**, que se tornaram os grandes líderes mundiais do pós-guerra. Os norte-americanos lideraram o bloco dos países capitalistas; e os soviéticos, o bloco dos países socialistas. Iniciada em 1946, a Guerra Fria caracterizou-se pela extrema rivalidade entre EUA e URSS. O clima de rivalidade, somado aos interesses das indústrias de armamentos, levou as grandes potências à chamada **corrida armamentista**.

Disputando áreas de influência em todo o mundo, Estados Unidos e União Soviética viveram um período de graves tensões. Os países do chamado **Terceiro Mundo** foram os principais alvos dessa disputa. No plano financeiro e comercial, o dólar impôs-se sobre as outras moedas do mundo capitalista, e com a cria-

ção do **FMI** (Fundo Monetário Internacional) os Estados Unidos passaram a controlar a economia, principalmente dos países do Terceiro Mundo.

Em 1947, o presidente norte-americano Harry Truman passou a orientar a política externa dos Estados Unidos com uma ideologia de combate ao comunismo, convocando as nações ocidentais a se unirem contra o avanço soviético em qualquer parte do planeta, era a chamada **Doutrina Truman**. Por volta de 1947, os Estados Unidos criaram a **CIA** (Agência Central de Inteligência) com o objetivo de atuar por meio de espionagem e organização de ações clandestinas no mundo todo, em contraposição aos espões da **KGB** soviética.

Em 1946, o primeiro ministro inglês Winston Churchill criou a expressão **cortina de ferro** para denominar o bloco oriental europeu socialista que se fechava para o ocidente capitalista.



Wikimedia

CIA norte-americana



Wikimedia

KGB soviética

Planos econômicos

Em 1948, com o **Plano Marshall**, os Estados Unidos destinaram recursos aos países europeus que haviam sido arrasados pela guerra. O custo destes empréstimos era alto, pois esses países tiveram que abrir suas economias aos investimentos norte-americanos, o que para alguns representou a perda de sua autonomia e de parte da soberania nacional. Obviamente, a URSS e os governos sob sua influência se recusaram a aceitar esta ajuda, percebida como uma invasão econômica dos EUA. O Plano Marshall materializou a partilha da Europa, lançando as bases para a formação de dois blocos políticos-militares rivais, o que tornou necessário aos Estados Unidos utilizarem-se de mitos e imagens que manipulassem a imaginação das pessoas. A *ameaça soviética* e a *defesa do mundo livre* constituíram esses mitos mobilizadores e legitimadores dos norte-americanos como os grandes heróis do ocidente contra os vilões soviéticos na nascente Guerra Fria.



Ômega Red, personagem das histórias em quadrinhos do Universo Marvel (estadunidense). Seu nome verdadeiro é Arkady Rossovich, psicopata mutante russo utilizado como assassino pelo governo soviético durante a Guerra Fria

Em janeiro de 1949, a União Soviética criou o **Conselho de Assistência Mútua Econômica** (Comecon), lançando as bases de um mercado comum dos países socialistas, numa clara resposta ao Plano Marshall.

Pactos militares e rivalidade

Em 1949, formou-se uma aliança militar entre os países da Europa ocidental, que pertenciam à área de influência dos Estados Unidos. Essa aliança ficou conhecida como **Organização do Tratado do Atlântico Norte** (OTAN). Depois, em 1955, revidando a criação da OTAN, os países do bloco socialista da Europa oriental firmaram uma aliança de ajuda militar mútua por meio do **Pacto de Varsóvia**. Já na segunda metade dos anos 50, a União Soviética atingiu realmente a condição de potência mundial. O país havia se recuperado do baque sofrido na Segunda Guerra e alcançara um relativo equilíbrio nuclear, tendo desenvolvido sua própria bomba atômica.

Como as duas potências não podiam se confrontar militarmente, sob pena de se autodestruírem, os dois países enfrentaram-se apenas politicamente. Porém, indiretamente, participaram de guerras em outros territórios, tentando ampliar e marcar suas zonas de influência, como fizeram na Coreia, Vietnã e Afeganistão.

Durante a década de 50, o governo norte-americano, numa política conservadora e anticomunista chamada de *macarthismo*, criou um comitê em seu Congresso contra atividades consideradas antiamericanas, liderado pelo senador Joseph McCarthy, que tinha por objetivo identificar os possíveis inimigos da pátria. Qualquer crítica ao governo ou demonstração de ideias consideradas subversivas poderiam ser interpretadas como de simpatia ao comunismo. Numa verdadeira ação de "caça as bruxas", intelectuais, cientistas e profissionais ligados às artes passaram a sofrer severas perseguições.



Joseph Raymond McCarthy

Assim como os Estados Unidos no início da Guerra Fria, a União Soviética também tomou medidas internas repressivas contra os possíveis opositores ao regime. Em 1961, para garantir sua zona de influência na Alemanha dividida, construiu o **Muro de Berlim**, que além de um país, dividiu o mundo até 1989.



Wikipédia



Construção do Muro de Berlim

As guerras da Coreia e do Vietnã

Durante o período da Guerra Fria, alguns conflitos meramente regionais tomaram proporções mundiais a partir do envolvimento dos Estados Unidos e da União Soviética, este foi o caso do Vietnã e da Coreia.

Coreia

A Coreia foi parte do império japonês de 1910 a 1945. Com a derrota do Japão ao final da 2.ª Guerra Mundial, Estados Unidos e União Soviética ocuparam a Coreia e a dividiram entre si. O sul sob influência dos EUA e o norte sob influência soviética. Essa divisão seria mantida até a realização de eleições para a unificação do país. Entretanto, uma série de hostilidades entre o norte e o sul acabou culminando com a invasão da Coreia do Sul pela Coreia do Norte. Para conter a invasão, os EUA decidiram intervir diretamente no conflito. Do outro lado, soviéticos e chineses entraram na guerra, apoiando o exército socialista norte-coreano. As negociações se aceleraram e, em 1953, a paz formalizou-se com o definitivo estabelecimento de dois países: **Coreia do Norte** e **Coreia do Sul**.

Vietnã

Vietnã, Laos e Camboja formavam a Indochina, região dominada pela França desde 1860. Em 1954, o Vietnã conseguiu sua independência, formando dois países, um ao norte, com capital em Hanói, apoiado pelo mundo socialista; outro ao sul, com capital em Saigon, apoiado pelos Estados Unidos.

Guerra do Vietnã – 1964–75



Fonte: World History Atlas. Dorling Kindersley Limited. Adaptado. London, 2008.

Em 1956, seriam realizadas eleições para a unificação do país, mas o governo do Vietnã do Sul não permitiu as eleições, e iniciou-se uma série de hostilidades entre os dois Vietnãs. Para sustentar o governo do sul e reprimir movimentos socialistas na região, os Estados Unidos decidiram intervir militarmente em 1963. Quase todos os recursos militares modernos foram utilizados pelos norte-americanos nessa que se tornou uma guerra extremamente violenta e sangüinária. Apesar dos escassos meios, as forças do Vietnã do Norte lutaram com bravura, utilizando táticas de guerrilha.



Wikipédia

EUA declara guerra ao Vietnã do Norte, em 1964

Nos EUA, milhares de jovens recusaram-se a partir para o desconhecido em uma guerra que não era sua. Essa foi a fonte de inspiração do movimento *hippie* e seu lema: “Faça amor, não faça a guerra”. Inconformados com a família, o governo, as injustiças sociais e a segregação racial, os jovens disseram **não** e passaram a discutir abertamente temas como sexo e drogas. Possivelmente nenhuma forma de manifestação artística identificou-se mais com os jovens do que o *rock’n’roll*, como forma de expressar toda sua rebeldia e contestação à sociedade conservadora, opressora e bélica, que o cercava.

Pressionado pela opinião pública de seu próprio país e pelas crescentes manifestações pacifistas, o governo dos Estados Unidos foi obrigado a retirar definitivamente suas derrotadas tropas do Vietnã em 1973, tendo sacrificado a vida de 58 mil soldados e gasto 150 bilhões de dólares. A guerra ainda prosseguiu por mais algum tempo, até a rendição completa do exército sul-vietnamita em 1975.

Afeganistão – O “Vietnã Soviético”

Em 1978, após um violento golpe de Estado, um Conselho Revolucionário tomou o poder no Afeganistão, dando início a um programa socialista que levou os muçulmanos à resistência armada. Como o governo não conseguia conter a rebelião, tropas soviéticas entraram no país em 1979 para apoiar o regime pró-comunista.

Os Estados Unidos ajudaram financeira e militarmente os guerrilheiros rebeldes a vencerem o Exército Vermelho Soviético. Durante os nove anos de guerra no Afeganistão, a União Soviética perdeu 15 mil soldados e, apesar de todos os esforços, no decorrer da década de 1980 as forças governamentais e os soldados soviéticos não conseguiram derrotar os rebeldes. O fracasso soviético levou analistas internacionais a descrever o conflito como o “Vietnã dos soviéticos”. Pressionada pela opinião pública internacional, em maio de 1988, a União Soviética começou a retirada de suas forças, completada em fevereiro de 1989.

Revolução Cubana

Após sua independência da Espanha, em 1898, Cuba mergulhou na dominação dos Estados Unidos, mantendo a mesma estrutura econômica dos tempos coloniais, baseada na exportação de açúcar e fumo. Por intermédio da **Emenda Platt**, os Estados Unidos garantiram a instalação de uma base militar em Guan-

tânamo e inúmeros privilégios às empresas norte-americanas ali instaladas.

De 1934 a 1959, Fulgêncio Batista assumiu o poder em Cuba e, inescrupuloso, levou ao máximo o servilismo em relação aos Estados Unidos, comandando uma brutal exploração do povo. Na primeira metade do século XX, Cuba transformou-se na ilha dos prazeres para os turistas norte-americanos, misturando a corrupção do governo aos jogos nos cassinos, drogas e prostituição.

Reagindo a essa situação de decadência e opressão, um grupo de guerrilheiros comandado por **Fidel Castro** e **Che Guevara** começou a lutar contra o governo a partir das montanhas de Sierra Maestra, conquistando a simpatia popular. Em janeiro de 1959, conseguiram derrubar a ditadura de Fulgêncio Batista, instaurando um novo governo liderado por Fidel e contrário aos interesses norte-americanos. A rivalidade entre o novo governo e os Estados Unidos acabou forçando a aproximação de Cuba com a União Soviética.



Fidel Castro

A questão cubana não tardou a adquirir dimensões regionais e mesmo mundiais. Após três meses no governo, o presidente norte-americano John Fitzgerald Kennedy autorizou uma operação contrarrevolucionária montada pela CIA, que consistia na invasão de Cuba por uma força militar treinada e financiada pelos Estados Unidos, composta de exilados cubanos opositores a Fidel. O chamado **Desembarque na Baía dos Porcos** (16 de abril de 1961) foi derrotado com certa facilidade, frustrando as expectativas dos EUA de derrubar Fidel. Como resultado, Fidel proclamou a adoção do socialismo no país, levando Cuba a uma aproximação com a União Soviética. O estabelecimento de um regime de orientação marxista-leninista a cem milhas de seu território, levou os Estados Unidos à imposição de um bloqueio econômico na ilha, impedindo, a partir de sua influência, que outros países tivessem negócios com Cuba.



Wikipédia

John F. Kennedy, presidente que autorizou o desembarque de militares americanos na Baía dos Porcos

Em 1962, Castro permitiu a instalação de mísseis nucleares soviéticos na ilha, o que foi encarado pelo governo norte-americano como uma perigosa ameaça à sua segurança, e numa verdadeira mobilização de guerra. Os EUA fizeram um poderoso cerco naval à ilha, a fim de não permitir a chegada dos mísseis, episódio que ficou conhecido como a **Crise dos Mísseis**. Posteriormente, os EUA promoveram a expulsão de Cuba da OEA, politicamente o governo cubano passou a representar um desafio inaceitável para os EUA, um mau exemplo para os outros países da América Latina.

A América Latina na Guerra Fria



Após a Segunda Guerra Mundial, os capitais, o comércio e as empresas norte-americanas tornaram-se dominantes em todos os países da América Latina, demonstrando mais que em qualquer outra região do planeta que a Guerra Fria constituiu-se num grande instrumento de controle dos Estados Unidos sobre os governos, povos e economias locais. O uso político do discurso antissoviético visava, sobretudo, legitimar a luta contra qualquer atitude nacionalista que atrapalhasse os interesses dos Estados Unidos nesses países. Apesar de “defensores dos princípios de liberdade”, os norte-americanos jamais hesitaram em apoiar regimes ditatoriais ou de conduzi-los ao poder quando lhes fosse vantajoso. Em 1948, foi criada a **Organização dos Estados Americanos (OEA)**, dessa forma os Estados Unidos passavam a ter instrumentos formais para manter alinhados os governos do continente a suas estratégias, lucrando obter soluções a seu favor para questões regionais, evitando, assim, debates mundiais dentro da ONU. Outra estratégia tomada foi a **Aliança para o Progresso**, um plano de ajuda econômica cujo objetivo era deter a expansão de movimentos antinorte-americanos e impedir mobilizações populares revolucionárias no continente, acompanhado de uma forte propaganda anticomunista.

No Brasil, o golpe de Estado de março de 1964 que implantou um regime militar contou com o apoio direto da CIA norte-americana. A Revolução Cubana de 1959 e a crise econômica levaram os Estados Unidos e as elites latino-americanas a reagir através de uma série de sangrentos golpes militares. Foram implantados regimes ditatoriais baseados na Doutrina de Segurança Nacional: no Brasil em 1964, no Chile e Uruguai em 1973 e na Argentina em 1976. O regime militar brasileiro recebeu maciços investimentos estrangeiros e a instalação de indústrias estrangeiras, atemorizando a sociedade com torturas, assassinatos e desaparecimentos aos milhares, tornando o terror do Estado uma regra, não só no Brasil, mas também no Uruguai, Argentina e Chile, nos países do Cone Sul.

No Chile, em 1970, chegou à presidência Salvador Allende, o primeiro governante socialista eleito no mundo, o que desagradou muito aos Estados Unidos, que passou a financiar, por intermédio da CIA, campanhas para desestabilizar o governo. Em 1973, um golpe militar, sob o comando do General Augusto Pinochet, derrubou Allende, que resistiu até a morte. Pinochet implantou uma violenta ditadura, responsável pela prisão, tortura e desaparecimento de milhares de pessoas, e cerca de 200 mil exilados.



Junta militar. General Pinochet (sentado ao centro), 1973

Descolonização da África e da Ásia

No século XIX, as nações europeias industrializadas buscaram mercado consumidor para seus produtos, bem como matéria-prima e mão de obra em outros países. Disputando palmo a palmo os novos territórios, os europeus transformaram a África numa *colcha de retalhos*, num processo de colonização e imperialismo. Muitas regiões asiáticas também foram atingidas por esse processo de dominação.

Terminada a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os diversos países da África e Ásia que integravam os impérios coloniais europeus foram, pouco a pouco, conquistando a independência, principalmente devido ao enfraquecimento econômico dos países dominadores, devido ao conflito. Se nas primeiras décadas do século XX os europeus orgulhavam-se em possuir impérios coloniais, depois da guerra era vergonhoso, nenhum país queria ser taxado de opressor e imperialista. A própria ONU, fundamentada no direito de autodeterminação dos povos, tornou-se um fórum internacional contra o colonialismo. Também as duas grandes potências do pós-guerra, Estados Unidos e União Soviética, assumiram posições favoráveis à descolonização, interessadas em desenvolver sua própria influência.

Dentre as regiões que conseguiram suas liberações, estão:

Ásia

Índia, China, Indochina (Laos, Camboja e Vietnã), Coreia e Indonésia.

África

Gâmbia, Serra Leoa, Nigéria, Quênia, Camarões, Madagascar, Senegal, Costa do Marfim, Argélia, Congo, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, Moçambique e África do Sul.

Dentre as colônias que promoveram suas liberações, estão:

Índia

Apesar de dominada pelos ingleses desde o século XVIII, foi somente no final do século XIX que começaram a surgir os primeiros movimentos nacionalistas e emancipacionistas, que tiveram como principal líder a figura carismática de **Mahatma Gandhi**, com sua política de não cooperação, resistência pacífica e de não violência. O movimento intensificou-se e ganhou a adesão das massas populares, que por vezes não respeitavam muito o pacifismo de Mahatma (*o grande espírito*). Porém, de uma forma ou de outra, as manifestações dificultaram cada vez mais o controle britânico sobre a Índia, o que levou a Inglaterra a adotar uma política gradual de libertação.



Mahatma Gandhi

Contudo, as rivalidades religiosas e étnicas acabaram por dividir o país em: **Índia**, de população hinduísta; e **Paquistão**, de população muçulmana.

Chamado de terrorista pelos britânicos, Gandhi congregou o povo indiano em prol da "luta" por sua libertação do domínio inglês. Defendendo a resistência pacífica e a não cooperação expôs ao mundo inteiro a violenta opressão inglesa contra seu povo. Jamais buscou nenhum cargo político ou vantagens sociais, morreu assassinado em 1948, depois de ver seu sonho, de uma Índia independente, realizado.

Leitura Complementar

O pensamento vivo do Mahatma, o grande espírito

"...mesmo quando se é minoria de uma só pessoa, a verdade é a verdade..."

"...a função da resistência civil é provocar reação (...) até que mudem a(s) lei(s), esta é a força da resistência civil..."

"...a pobreza é a pior forma de violência..."

"...o que não se pode fazer é aceitar injustiças(...). Deve-se tornar a injustiça bem visível..."

"...os únicos demônios do mundo são aqueles que habitam nossos corações e é lá que as batalhas devem ser travadas..."

"...em toda história (...) houve tiranos e assassinos, e eles pareciam invencíveis, mas, ao final, eles sempre caem. Pense nisto, 'sempre'..."

Ghandi (1869-1948)

China e a Revolução Socialista

Em outubro de 1949, após anos de dominação imperialista estrangeira, principalmente inglesa, comunistas liderados por Mao Tsé-Tung tomaram o poder e criaram a **República Popular da China**. Depois, em 1950, Mao estabeleceu laços de amizade e cooperação com a União Soviética, assinando um tratado de aliança militar e mútua assistência, porém, com a morte de Stalin, em 1953, o relacionamento entre os dois países decaiu. Em 1964, os chineses fabricaram sua primeira bomba atômica, passando a disputar com os soviéticos a liderança mundial do movimento socialista. Após a morte de Mao, em 1976, os novos dirigentes chineses empenharam-se em estimular a modernização do país, promovendo um processo de abertura econômica da China com o mundo capitalista ocidental.



Mao Tse-Tung

Wikimedia

África do Sul

O solo rico e o clima favorável atraíram para o sul da África muitas nações europeias, que estabeleceram núcleos coloniais. Com o intuito de explorar as riquezas da região, os europeus foram se apropriando das terras e da mão de obra dos nativos que, no caso de resistência, eram até exterminados.

O rompimento com a dominação colonial inglesa foi liderado pela minoria branca da população, que passou a controlar a política e a economia do país, estabelecendo um regime de segregação racial, conhecido como **apartheid**.

Os negros iniciaram uma longa luta de resistência à dominação branca, cujo principal líder foi Nelson Mandela, mantido preso por 27 anos. Cedendo às pressões, em 1993, o presidente branco Frederik de Klerk estabeleceu a democracia no país e pôs fim à segregação racial. Em 1994, **Nelson Mandela** foi eleito o primeiro presidente negro da África do Sul.



Nelson Mandela

Wikimedia

Oriente Médio

Conflito árabe-israelense

Os constantes conflitos no Oriente Médio têm suas origens na própria história dos povos que vivem na região. Porém, o caráter étnico, religioso e político destes conflitos se agravou intensamente com as ações imperialistas europeias a partir da segunda metade do século XIX, principalmente com a criação do Estado de Israel em 1948, num território predominantemente árabe-muçulmano, na região da Palestina.

Desde a **Diáspora** ocorrida no Antigo Império Romano, os judeus viveram dispersos pelo mundo, concentrando-se principalmente no leste europeu. Desde o

final do século XIX, os judeus intensificaram o desejo de retorno à Palestina para lá estabelecerem um Estado autônomo próprio. Esse movimento ficou conhecido como **sionismo** (*Sion*, nome do local onde fica Jerusalém).

Aproveitando-se do apoio norte-americano, os israelenses ampliaram seu território militarmente, o que fez crescer as tensões na região, entre judeus e muçulmanos, com violentos ataques e retaliações de ambos os lados. Então, em 1964, diversos grupos de resistência islâmica criaram a **OLP** (Organização para a Libertação da Palestina) liderada por Yasser Arafat, com o objetivo de fundar um Estado muçulmano e promover a expulsão dos judeus.



Yasser Arafat

Guerra Irã-Iraque

Em 1979, ocorreu a Revolução Islâmica no Irã, derrubando a monarquia do Xá Reza Pahlevi, tradicionalmente aliado norte-americano. Assumiu o poder o Aiatolá Khomeini, líder da corrente fundamentalista muçulmana xiita. Khomeini era contrário às posições da cultura ocidental capitalista e, com isso, os Estados Unidos perderam um grande aliado no Oriente Médio.

Entre 1980 e 1988, o Irã foi invadido pelo Iraque de **Saddan Hussein** sob o pretexto de facilitar o acesso ao Golfo Pérsico, com um novo aliado norte-americano no Oriente Médio, Saddam atendia, com sua invasão, aos interesses dos Estados Unidos na tentativa de desestabilizar o governo do aiatolá.

Exercícios

01. Relacione os acordos assinados após o término da Segunda Guerra Mundial à bipolarização do mundo, durante a Guerra Fria.

02. (UNICAMP-SP) “Um dos exemplos do estado de pânico total que dominou a sociedade norte-americana naqueles anos iniciais da década foi a cruzada anticomunista que levou o nome de Macarthismo por causa do senador Joseph McCarthy.”

Dea Fentelon, A Guerra Fria, 1983.

Explique o que foi o Macarthismo e as suas relações com a Guerra Fria.

03. Explique como a Segunda Guerra Mundial e as disputas da Guerra Fria propiciaram o processo de descolonização afro-asiático.

04. Durante o século XIX, as nações europeias industrializadas expandiram o capitalismo para regiões da África, Ásia e América, dominando muitos territórios, principalmente na África. Explique por que, apesar da dominação econômica, a América Latina não foi retalhada pelas potências europeias, como aconteceu com a África.

01) O Tratado do Atlântico Norte congrega, como membros de seu sistema político-militar, países de economia capitalista, e, recentemente, sofreu modificações, inclusive fazendo cortes no seu arsenal bélico.

02) O Pacto de Varsóvia foi idealizado com a finalidade específica de assegurar a formação de repúblicas populares nos continentes europeu, africano e asiático.

04) O Tratado do Atlântico Norte agrupa, como membros de seu sistema de aliança, os países conhecidos como não alinhados, defensores do princípio da soberania e autodeterminação dos povos.

08) O Pacto de Varsóvia foi recentemente extinto e teve suas estruturas militares dissolvidas, como desdobramento da crise do socialismo stalinista.

16) Os dois tratados apresentam inúmeras diferenças; contudo, aproximam-se pela fórmula comum: os estados-membros prometem uma assistência mútua.

32) Os dois tratados representam a materialização de acordos em torno de uma dissensão entre o Leste e o Oeste, com perspectivas de um possível desarmamento dos países líderes.

64) Os tratados apresentados expressam a vigência de "fronteiras ideológicas", uma vez que os Estados integrantes abrem mão de sua soberania, em nome da aliança estabelecida.

05. (Cesgranrio-RJ) "Morre um homem a cada minuto em Ruanda. Um homem morre por minuto numa nação do continente onde o *Homo sapiens* surgiu há um milhão de anos..."

Augusto Nunes. In: jornal *O Globo*.

A situação atual de instabilidade no continente africano é o resultado de diversos fatores históricos, dentre os quais destacamos o(a):

- a) fortalecimento político dos antigos impérios coloniais na região, apoiado pela Conferência de Bandung;
- b) declínio dos nacionalismos africanos, causado pelo final da Guerra Fria;
- c) acirramento das guerras intertribais no processo de descolonização que não respeitou as características culturais do continente;
- d) fim da dependência econômica, ocorrida com as independências políticas dos países africanos, após a década de 50;
- e) difusão da industrialização do continente africano, que provocou suas grandes desigualdades sociais.

06. (FUVEST-SP) Por *apartheid* entende-se:

- a) O movimento pelos direitos civis dos afrodescendentes norte-americanos.
- b) O sistema de "reservas indígenas" implantado nos EUA.
- c) O sistema oficial de segregação racial da África do Sul.
- d) A divisão da África entre a Inglaterra e a França no final do século XIX.
- e) A segregação das populações africanas na Inglaterra.

07. (Unifor-CE) A independência da Índia foi conseguida por Gandhi através:

- a) Das atividades militares comandadas por Nehru.
- b) Da luta de guerrilhas nas montanhas do Punjab.
- c) Do apoio industrial das várias classes indianas.
- d) Da desobediência pacífica ao colonialismo inglês.
- e) Da aliança política celebrada com o Paquistão.

08. (UFMG) Leia o texto:

A América Latina apresentou, no início do século XX, uma série de movimentos revolucionários de feição acentuadamente social. Ocorreu, ao mesmo tempo, a implantação de governos ditatoriais, quase sempre apoiados pela política intervencionista dos Estados Unidos.

A partir da análise desse texto, pode-se considerá-lo:

- a) Falso, porque nesse momento a América Latina vivia um período de equilíbrio econômico e social resultante da cooperação americana.
- b) Falso, porque os Estados Unidos, devido ao envolvimento na Primeira Guerra Mundial, não adotaram política de intervenção econômica ou militar nos governos latino-americanos.
- c) Falso, porque o início do século XX não registrou a emergência de governos ditatoriais em nenhum país na América Latina, que experimentava um longo período democrático.
- d) Verdadeiro, porque foi nesse momento que se presenciou a emergência das massas populares no cenário político de uma economia agroexportadora dependente da área central do capitalismo.
- e) Verdadeiro, porque nesse momento a intervenção dos Estados Unidos se fazia no sentido de incentivar a criação de um mercado comum americano.

09. (PUC-MG) O governo chileno de Unidade Popular, do presidente Salvador Allende (1970-1973), adotou:

- a) Medidas para manter, aparentemente, o perfil da economia herdado do governo Eduardo Frei, a fim de evitar a desestabilização da Unidade Popular.
- b) Uma política de grande mobilização popular, com o apoio da URSS, de Cuba e da China Comunista, para poder implantar o socialismo, segundo o modelo de Fidel Castro e Che Guevara.
- c) Uma estratégia de transição pacífica para o socialismo que, no entanto, fracassou com o golpe desfechado pelas forças armadas, num clima de atrocidades e execuções sumárias.
- d) Um controle moderado sobre as importações, com o objetivo de obter um saldo favorável na balança de pagamentos, destinado à aquisição de bens de consumo para a população e armas para o exército.
- e) Um pacote de medidas para controlar o ímpeto da Unidade Popular, que defendia a reforma agrária e a nacionalização do cobre, com a proibição de exportá-lo para os Estados Unidos.

10. (UFMG) Todas as alternativas apresentam motivações para golpes político-militares que levaram ao rompimento da ordem da América Latina, exceto:

- a) Crise econômica que intensificou os conflitos sociais e tornou popular a suposição de eficácia econômica dos governos autoritários.
- b) Debilidades dos valores democráticos das elites políticas e, de uma forma geral, também da sociedade civil.
- c) Determinação dos grupos conservadores em excluir do poder político os movimentos populistas, os de esquerda e os grupos de baixa renda.
- d) Polarização social e política resultante da intervenção institucional de países estrangeiros.

11. (Centec-BA) Após a independência, a economia dos países latino-americanos caracterizava-se essencialmente pela:

- a) independência em relação ao capital internacional;
- b) permanência de uma economia colonial, voltada para abastecer o mercado interno;
- c) independência tecnológica, especificamente de bens duráveis;
- d) manutenção de uma economia agrário-latifundiária e exportadora;
- e) dependência em relação ao capital internacional luso-espanhol.

12. (PUC-SP/Adaptado) Diáspora é o termo que designa a dispersão dos hebreus por várias regiões do mundo, após serem expulsos de seu território no século II. Somente depois de 1948, com a criação do Estado de Israel, esse povo pôde voltar a se reunir num mesmo país. Entretanto, essa reconquista vem sendo, há mais de meio século, motivo de contendas entre os israelenses e o povo ocupante daquela região.

O povo que provocou a dispersão dos hebreus no século II e o povo que manteve o confronto com os israelenses desde 1948 são, respectivamente:

- a) Os egípcios e os iranianos.
- b) Os romanos e os palestinos.
- c) Os palestinos e os egípcios.
- d) Os romanos e os iranianos.
- e) Os egípcios e os palestinos.

Desestruturação e queda da União Soviética

A Revolução Soviética, desde 1917, estabeleceu-se como um corpo estranho dentro do sistema internacional. Durante o período da guerra civil na Rússia após a revolução socialista, as potências capitalistas procuraram derrubá-la. Falhada esta tentativa, seguiu-se uma fase de bloqueio internacional, o **cordão sanitário**, estabelecido pelas potências europeias. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a Alemanha nazista invadiu a União Soviética em 1941, rompendo um pacto de não agressão com Stalin. Mas, apesar de tudo, o socialismo soviético sobreviveu, e nos anos do pós-guerra rivalizou com os Estados Unidos pela hegemonia do mundo.

Após 29 anos no poder, Stalin morreu em 1953. Seu sucessor, Nikita Kruchev, denunciou seus crimes e defendeu a necessidade de uma coexistência pacífica entre países socialistas e capitalistas. Tomou uma série de medidas contrárias ao sistema adotado por Stalin (desestalinização), mas até 1985 os principais dirigentes da União Soviética mantiveram o país submetido ao isolacionismo da armadura do socialismo autoritário e ao severo controle ditatorial.

A partir da década de 1970, a economia do país entrou num irreversível processo de estagnação promovido pelo declínio da produção industrial e agrícola que entre outros problemas gerou a escassez no abastecimento de alimentos e a queda na qualidade dos serviços públicos. Em 1985, **Mikhail Gorbatchev** tornou-se o

novo dirigente do país e começou a promover amplas reformas voltadas à criação de uma URSS mais livre (*Glasnost*) e economicamente mais moderna (*Perestroika*), porém a situação acabou fugindo-lhe do poder. Em agosto de 1991, foi deposto por um golpe de comunistas autoritários que acabou fracassando, principalmente devido à resistência de reformistas liberais liderados por **Boris Yeltsin**.



Mikhail Gorbachev, maio de 2010

Gorbachev retornou ao governo e passou a enfrentar movimentos separatistas de diversas repúblicas pertencentes a URSS, o que levou ao inevitável desmembramento e à criação da **Comunidade dos Estados Independentes** (CEI). Depois de 69 anos, o poderoso império soviético, que teve um dos papéis centrais na história do século XX, desmoronou.

Reunificação da Alemanha

Em 1989, os soldados soviéticos foram retirados da Alemanha oriental e, em novembro do mesmo ano, o Muro de Berlim que separava as duas Alemanhas foi derrubado por uma multidão de pessoas. Então, em outubro de 1990, sob a liderança do primeiro-ministro Helmut Kohl, o país oficializou sua reunificação. Porém, as dificuldades foram muitas, em décadas de regime socialista, a Alemanha oriental, assim como a URSS, estava com sua economia estagnada e necessitou de um grande investimento do lado ocidental capitalista para sua recuperação.

A nova ordem mundial

Com a queda da União Soviética, houve também o fim da chamada Guerra Fria que caracterizou o período de 1946 a 1990. A bipolarização que dividia o mundo entre capitalistas e comunistas se desfez e foi substituída por uma nova ordem que passava a dividir o mundo entre países ricos e pobres, tendo os Estados Unidos consolidados como a grande superpotência mundial.

O capitalismo entrou em uma nova fase, que alguns estudiosos denominaram **Terceira Revolução Industrial**, baseada num incrível avanço tecnológico dos computadores, da robótica e da biotecnologia.

A maior parte da produção industrial e do comércio do mundo passou a ser controlada por poderosos conglomerados multinacionais que integraram o mundo num imenso mercado planetário denominado **globalização**.

O terrorismo no Oriente

Guerra do Golfo

Em 1990, aproveitando-se de sua superioridade bélica, o ditador do Iraque, **Saddam Hussein**, invadiu o Kuwait, pretendendo tornar-se o grande líder árabe do Oriente Médio. Porém, as reservas de petróleo da região levaram a uma reação de repúdio das potências ocidentais. Liderados pelos Estados Unidos, em janeiro de 1991, uma coalizão de países, apoiados pela ONU, mandaram suas tropas para o Oriente Médio, numa violenta ação militar contra o Iraque, denominada de **Tempestade no Deserto**. O confronto durou aproximadamente 40 dias. Ao final, a ONU impôs um embargo econômico ao Iraque derrotado, sobre as exportações, principalmente de petróleo, além de exigir o desarmamento do país.



Saddam Hussein

O terrorismo e a invasão do Iraque

Durante seu primeiro ano de governo, o presidente norte-americano George W. Bush foi pego de surpresa pelo terrível ataque terrorista de 11 de setembro de 2001, que destruiu as torres gêmeas do **World Trade Center**, símbolo do poder econômico dos Estados Unidos, matando aproximadamente 3 mil pessoas. A organização terrorista Al Qaeda, liderada por **Osama Bin Laden**, responsabilizou-se pelo atentado e, em busca de neutralizar a organização e seu líder, os Esta-

dos Unidos invadiram o Afeganistão, onde, anos antes a própria CIA havia treinado Bin Laden contra a União Soviética.



As torres gêmeas após serem atacadas em 11 de setembro de 2001

Wikimedia

Sem conseguir capturar Osama, Bush passou a defender uma “cruzada” contra o terrorismo, passando a estereotipar todo árabe como um terrorista em potencial, por meio principalmente do cinema. Advertindo de uma suposta luta do Oriente contra o Ocidente, chegou a identificar seus possíveis inimigos entre Irã, Iraque e Coreia do Norte, como o **Eixo do Mal**.

Acusando Saddam Hussein de possuir armas de destruição em massa e de governar de forma autoritária, desrespeitando os direitos humanos, os norte-americanos, juntamente com a Inglaterra, invadiram o Iraque em 2003, mesmo sem o aval da ONU. O país foi dominado, milhares de civis inocentes foram mortos e Saddam Hussein foi capturado, preso e executado.

O terrorismo do qual agora os Estados Unidos tenta se livrar, não tem sua origem numa etnia ou religião, mas sim num contexto histórico de massacre, exploração e opressão que os povos do Oriente sofreram ao longo dos anos de domínio imperialista das grandes potências, entre elas, a Inglaterra e os Estados Unidos.



Osama Bin Laden, líder da Al Qaeda

Wikimedia

Leitura Complementar

O que eles têm em comum?

(...) O que tem em comum o líder egípcio Hosni Mubarak e o líbio Muamar Kadafi? Que traços unem Saddam Hussein ao presidente sírio, Bashar Assad, ou ao rei Abdullah, da Jordânia? São todos árabes. Falam a mesma língua, têm uma origem étnica igual. São todos também fruto de intervenções estrangeiras na região. Seus países foram criados por potências ocidentais ou seus regimes foram sustentados por algum interesse externo. Todos eles, em algum momento, alimentaram o desejo de unir todos os árabes sob uma mesma bandeira...

Mas existe um único povo árabe? Atualmente cerca de 350 milhões de pessoas falam o idioma árabe. Elas se espalham desde o Oceano Atlântico até o Iraque. Em comum têm o idioma, que, fora alguns dialetos locais, é mais ou menos o mesmo. Qualquer cidadão nessa extensa faixa de terra entende sem muito esforço as gravações de Osama Bin Laden levadas ao ar pela televisão Al Jazira. Um jornal líbio pode ser lido sem maior esforço no Egito, na Jordânia e na Síria. Do ponto de vista étnico, os povos que falam árabe são descendentes de uma mesma pequena população que habitou a Península Arábica há milhares de anos. São os chamados povos semitas, dos quais descendem também boa parte dos judeus israelenses. Uma pesquisa comparativa de DNA feita pelo americano Luigi Luca Cavalli-Sforza, da Universidade Stanford, determinou que a unidade genética entre os povos semitas, judeus e árabes é marcante, confirmando a tese de que eles têm antepassados comuns.

Unidos pela origem genética, os árabes nunca souberam transformar essa raiz comum em algum tipo de organização supranacional. Nos quase seis séculos em que estiveram submetidos ao Império Otomano, eles viveram em tribos. Essa existência nômade, de povo perseguido, apagou nos árabes os vestígios da exuberância do seu próprio império. A religião islâmica, que é um forte fator de união, ainda não conseguiu superar suas divergências internas. “Se for o caso, um xiita do sul do Iraque se alia facilmente com um xiita do Irã ou da Jordânia, contra

um sunita de Bagdá”, diz o professor Manolo Florentino, historiador da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os analistas ocidentais dizem que, se for preciso classificar as variáveis da sociedade árabe por seu poder agregador, a religião seria a força principal. Em seguida, viriam as lealdades tribais e, em terceiro, o arabismo, a identidade árabe acima das fronteiras nacionais. (...)

Fonte: Revista VEJA.

Exercícios

06. De que forma a Perestroika e a Glasnost, idealizadas por Mikhail Gorbatchev, conduziram à abertura política e econômica que resultou na desintegração da URSS?

07. Relacione a desintegração da União Soviética com o fim dos regimes comunistas no Leste Europeu e com a reunificação da Alemanha.

08. A Globalização é hoje o modelo da Nova Ordem Mundial. Na sua opinião, ela trouxe mais benefícios ou sacrifícios para a população mundial? Justifique sua resposta usando no mínimo dois argumentos.

Testes

13. (PUC-MG) Atualmente a opinião pública mundial vem acompanhando, com particular esperança, as negociações de paz no Oriente Médio, o que reduziria, de maneira sensível, a tensão crônica observada na região. A história recente da península Arábica é marcada pela reprodução de sucessivos conflitos, tornando insuportável a vida de milhões de seres humanos.

Diferentes fatores condicionam tal situação precária, dentre eles é correto destacar, exceto:

- a) A questão palestina caracterizada pelas disputas territoriais entre árabes e israelenses, responsável por vários episódios sangrentos e demonstrações de intransigência mútua.
- b) A pulverização étnica da população em inúmeros grupos culturalmente diferenciados, em busca de afirmação em nível regional e, principalmente, do reconhecimento internacional.
- c) Os múltiplos interesses internacionais no que se refere às cobiçadas reservas petrolíferas, representando um complicador a mais nas tumultuadas relações com o exterior.
- d) As divergências de caráter religioso, despertando paixões e radicalizando as posições dos indivíduos, o que alimenta o sectarismo e a intolerância entre as partes.
- e) O confronto entre as tradicionais estruturas socioculturais e o avanço das forças capitalistas, auxiliado pelo discurso de “modernidade”, ameaçando a ordem estabelecida.

14. (FUVEST-SP) Qual das seguintes afirmações explica, sinteticamente, o fim da União Soviética?

- a) O regime entrou em colapso porque os dirigentes estavam desmoralizados, desde as denúncias de Krushev no XX Congresso do Partido.
- b) O regime deixou de ser sustentado pelo exército, adversário tradicional do Partido Comunista.
- c) A vitória militar dos Estados Unidos na Guerra Fria tornou inviável a manutenção do regime.
- d) O colapso do regime deveu-se à crise generalizada da economia estatal, combinada com o fracasso da abertura controlada de Gorbatchev.
- e) Os líderes soviéticos abandonaram a crença no socialismo e decidiram transformar a União Soviética em um país capitalista.

15. (UNIRIO) O tema da Globalização está na ordem do dia. Ele aparece nos meios de comunicação, faz parte do cotidiano do mais comum dos cidadãos. Parece uma novidade, mas se atentarmos para a História, poderemos perceber que o capitalismo é em si globalizante. O que mudou foi a forma, a intensidade, a qualidade de que se tem revestido esses processos universalizantes. Podemos afirmar corretamente que a globalização favoreceu a(o):

- a) concentração de empresas multinacionais, estabelecendo mais igualdade entre os países pobres e ricos do mundo contemporâneo;
- b) formação de megablocos econômicos, polarizando o mundo entre socialistas e capitalistas;
- c) chamado Estado de Bem-estar Social, para dar atendimento às políticas públicas e ao trabalhador urbano desempregado;
- d) surgimento de grandes empresas capazes de se inter-relacionar diretamente, limitando a intermediação do Estado e gerando desemprego em massa.

16. (PUC-MG) “Se muitos impérios foram declarados ao longo dos últimos 2 mil anos, só agora o conceito (de império) está se realizando integralmente, pois é a primeira vez que se vê uma forma verdadeiramente ilimitada de poder, que ultrapassa a própria noção de Estado.”

Essa frase abre o livro *Empire*, recentemente publicado nos Estados Unidos, de autoria de Antonio Negri e Michael Hardt. Tal afirmação, quando associada à análise da nova ordem mundial globalizada, permite concluir:

- a) O avanço de partidos ultrarradicais em vários países tem ameaçado as liberdades democráticas, propondo a concentração do poder nas mãos de regimes de força.
- b) As disputas por ampliação de suas áreas de influência têm levado as potências dominantes a se armarem, aumentando o nível de tensão internacional.
- c) A esfera pública tem absorvido cada vez mais o espaço privado, inibindo as formas de manifestação da individualidade e levando à massificação cultural.
- d) A constituição de um mercado global integrado tem garantido ao grande capital internacional uma liberdade de ação que se sobrepõe aos interesses nacionais.

Respostas

Exercício 01: Comunistas e capitalistas lutaram juntos para derrotarem o inimigo comum, o nazismo. Após o término da guerra, as diferenças ideológicas vieram à tona, e os vencedores passaram a dividir a Europa em zonas de influência e dominação, onde impuseram seus sistemas político e econômico, tornando-se rivais e estendendo suas influências para outras regiões do planeta, gerando alguns conflitos armados.

Exercício 02: O senador McCarthy liderou um movimento anticomunista, criando condições legais para identificar, perseguir e punir severamente os possíveis simpatizantes do bloco soviético, no contexto das disputas entre capitalista e comunista estabelecidas pela Guerra Fria.

Exercício 03: As metrópoles europeias, arrasadas pela guerra, não tinham mais condições de resistir aos movimentos emancipacionistas de suas colônias, muito menos de manter seus impérios coloniais. Além disso, as novas potências econômicas que despontaram depois da Segunda Guerra – Estados Unidos e URSS – no contexto da Guerra Fria, disputavam a influência nessas regiões coloniais.

Exercício 04: A participação dos Estados Unidos foi importante nesse processo, já que defendiam a ideia de que a América deveria ser para os americanos. Mesmo ainda sem ser uma potência econômica, os Estados Unidos tornaram-se o tutor das nações latino-americanas, passando ele mesmo a controlá-las economicamente e, em alguns casos, militarmente.

Exercício 05: Os judeus, dispersos pelo mundo desde a Diáspora, ganharam, quase como recompensa pelos horrores que sofreram durante a Segunda Guerra, um pedaço do território Palestino, onde poderiam estabelecer um estado judaico independente e autônomo. Israel tornou-se uma ilha judaica num território predominantemente árabe. Inconformados de terem seus territórios limitados, os palestinos, com apoio de outros povos árabes, mantêm constantes conflitos com os israelenses, que já lhes tomaram novos territórios.

Exercício 06: A proposta da Perestroika era a liberalização gradual da economia, privatizando alguns setores, o que descaracterizava o sistema comunista,

que pregava a total estatização. A Glasnost propunha uma transparência nas relações políticas, liberalizando o sistema e permitindo denúncias sobre a corrupção e os privilégios. Essa abertura do sistema criou espaço para o surgimento de movimentos separatistas nas repúblicas que formavam a URSS e eram lideradas pela Rússia. A partir daí, a desintegração da União Soviética foi inevitável.

Exercício 07: Os países comunistas do Leste Europeu implantaram seus regimes após a Segunda Guerra Mundial. No contexto da Guerra Fria, esses países fortaleciam o bloco socialista e tinham acordos comerciais e militares com a URSS. Com a desintegração do regime soviético, os governos desses países perderam apoio. Baseados na falência do comunismo soviético, os grupos de oposição desses países passaram a lutar pela liberalização do regime e, aos poucos, em muitos casos com lutas internas e crises econômicas, foram conseguindo conquistar seus objetivos. A Alemanha foi o caso mais característico desse processo, pois quando os soviéticos retiraram suas tropas do lado oriental, o comunismo caiu e junto com ele o Muro de Berlim, permitindo a reunificação do povo alemão.

Exercício 08: Resposta pessoal./ Pode-se destacar as diferenças sociais em países pobres e ricos./ A exploração comercial por parte dos países ricos./ A dívida externa do Brasil./ Etc.

Gabarito

01) D 02) E 03) C 04) * 05) D 06) C
07) D 08) C 09) C 10) B 11) D 12) B
13) E 14) D 15) D 16) D

*04. 89 (01, 08, 16 e 64)

